



# LENDAS DOS MANGUEZAIS

NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI



IRLAINE RODRIGUES VIEIRA  
FRANCISCO EUDES DE SOUSA  
ALINE MARTINS SILVA  
MANOEL BRUNO ALVES SALES  
JESUS RODRIGUES LEMOS



Irlaine Rodrigues Vieira  
Francisco Eudes de Sousa  
Aline Martins Silva  
Manoel Bruno Alves Sales  
Jesus Rodrigues Lemos

**LENDAS** *DOS*  
**MANGUEZAIS**  
**NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI**

Cordelista: Francisco Eudes de Sousa  
Ilustradora: Nayara Siqueira Oliveira



2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

**Reitor**

Gildásio Guedes Fernandes

**Vice-Reitor**

Viriato Campelo

**Superintendente de Comunicação Social**

Graciele Barroso

**Diretor da EDUFPI**

Cleber de Deus Pereira da Silva

**EDUFPI - Conselho Editorial**

Cleber de Deus Pereira da Silva (Presidente)

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Gustavo Fortes Said

Nelson Juliano Cardoso Matos

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo

Wilson Seraine da Silva Filho

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Erik Fernando da Silva Ivanov

**Ilustrações da capa e do texto:**

Nayara Siqueira Oliveira

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

V657I Vieira, Irlaine Rodrigues  
Lendas dos manguezais no Delta do Rio Parnaíba – Piauí [Livro digital]. / Irlaine Rodrigues Vieira et al. – Teresina: EDUFPI, 2025.  
126 p.:il.

ISBN: 978-65-5904-353-8

1. Meio ambiente. I. Sousa, Francisco Eudes de. II. Silva, Aline Martins. III. Sales, Manoel Bruno Alves. IV. Lemos, Jesus Rodrigues. V. Oliveira, Nayara Siqueira (Ilustradora). VI. Título.

CDD: 398

Elaborada por Adriana Luiza de Sousa Varão CRB-3/1493

**2025**

AUTOR CORPORATIVO

Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil

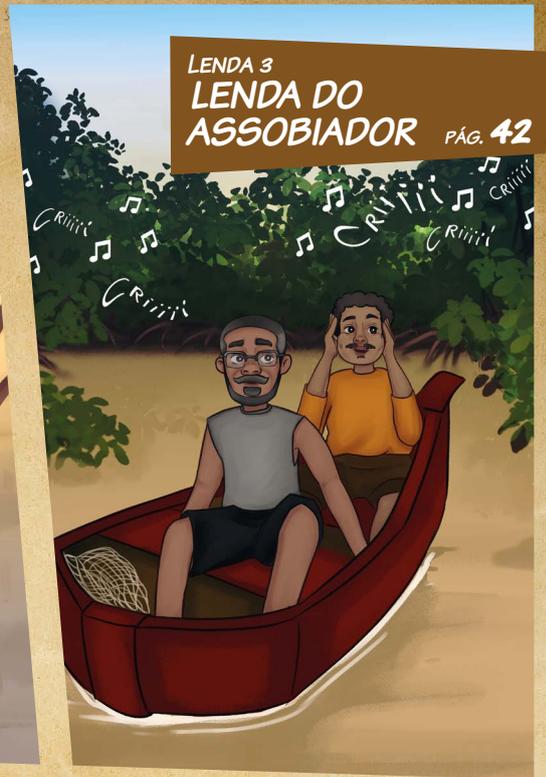




LENDA 1  
**LENDA DA ALMA**  
PÁG. 9



LENDA 2  
**LENDA DO ESPÍRITO**  
PÁG. 25



LENDA 3  
**LENDA DO ASSOBIADOR** PÁG. 42

# SUMÁRIO



LENDA 4  
**LENDA DA MÃE D'ÁGUA** PÁG. 58



LENDA 5  
**LENDA DO ANIMAL**  
PÁG. 75



LENDA 6  
**LENDA DO HOMEM**  
PÁG. 91



LENDA 7  
**LENDA DO GRITADOR** PÁG. 107

## APRESENTAÇÃO

Este livro é mais do que simplesmente adentrar as portas para uma coleção de versos, é abrir uma janela para a alma das comunidades tradicionais que habitam a parte piauiense do Delta do rio Parnaíba. Contemplando parte do litoral do estado do Piauí, nordeste do Brasil, esse delta, com seus manguezais entrelaçados e rios que deságuam no oceano, não é apenas uma maravilha natural, mas também um santuário de histórias e lendas que moldam a identidade e o imaginário de seu povo. Ao olharmos para o Delta, enxergamos uma interseção única entre o mundo natural e o espiritual, onde o vento nas árvores pode ecoar o assobio do Assobiador e as águas abrigam segredos tão profundos quanto as raízes que sustentam esse ecossistema.

A construção deste livro nasce da necessidade urgente de registrar e resgatar as lendas que permeiam o cotidiano dessas comunidades. Surgido a partir de pesquisas etnobotânicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAr realizadas junto a comunidades tradicionais em áreas de vegetação de mangue. Lendas como a do Gritador e as Almas que vagam pelas noites escuras são muito mais do que histórias, são fragmentos de uma cultura rica que merece ser preservada e difundida. Cada cordel que compõe esta obra é um fio na vasta teia cultural do Piauí, onde mito e realidade se entrelaçam em uma dança eterna. Este registro não é apenas uma celebração da cultura local, mas um convite para que o mundo conheça e reconheça a profundidade e a beleza de um lugar tão singular.

Objetivamos resgatar e perpetuar a cultura piauiense através de suas lendas, utilizando a forma lúdica e acessível do cordel. O cordel, com sua métrica envolvente e narrativa poética, transforma as lendas em obras vivas que não apenas encantam, mas também educam. Ao optar por este formato, os autores esperam não só atrair o interesse de leitores curiosos, mas também garantir que o conhecimento biocultural da região seja apreendido e valorizado.

Mais do que uma simples leitura, este livro é uma ferramenta de ensino. Ele é ideal para o público acadêmico e extra-acadêmico, podendo ser adotado por professores, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, especialmente em disciplinas como Etnobiologia e Sociobiologia. Este trabalho representa uma ponte entre o passado e o futuro, onde as lendas dos manguezais do Delta do Parnaíba continuam a viver e a inspirar, ecoando por gerações em todos os cantos do mundo.

**Os Autores**

## PREFÁCIO

É com grande alegria e honra que acolho o desafio de prefaciar a obra “Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba-Piauí”, obra essa que Irlaine Rodrigues Vieira, o poeta cordelista Francisco Eudes de Sousa, Aline Martins Silva, Manuel Bruno Alves Sales e Jesus Rodrigues Lemos nos presenteiam, tendo belíssimas ilustrações de Nayara Siqueira Oliveira, colocando-nos num movimento encantador e misterioso das estórias, dos símbolos, do imaginário, crenças, valores e saberes dos povos do mar e fazendo-nos percorrer os Manguezais de parte do Delta do Parnaíba, lugares com seus ecos de mistérios, suas raízes entrelaçadas como versos de uma canção ancestral, murmurando segredos e, tal qual um guardião silencioso, abraça e acolhe vidas, protegendo os ecossistemas e mantendo a variedade da vida no território, ação essencial para o cuidado, preservação e manutenção do planeta e de todas as suas formas de vida.

Os Manguezais no Delta do Rio Parnaíba são territórios onde a terra e o mar se encontram em um abraço eterno, as raízes das árvores se erguem como esculturas vivas, buscando o céu enquanto se ancoram firmemente no solo. É nesse ambiente místico que os autores e as autoras, juntam-se com o cordelista Eudes de Sousa para compartilharem seu trabalho, apresentando-nos um conjunto de lendas, narradas na poesia do cordel, as quais, remando pelos caminhos dos manguezais, nos levam a uma experiência misteriosa, intrigante, assustadora com o ambiente, seus personagens e seus encantos, sintonizando-nos com o imaginário dos pescadores, pescadoras e marisqueiras, que relatam suas vivências envolvendo seres e energias espirituais que permeiam o silêncio e a vida dos manguezais.

Na medida em que remamos e trafegamos pelos caminhos do rio e dos mangues, seguindo a narrativa das lendas e as belas rimas do cordel, não só embarcamos pelas belezas, encantos e pela força dos manguezais do Delta do Parnaíba, mas também somos envolvidos na cultura e no espírito da arte da pesca artesanal, desveladas poeticamente na narrativa, permitindo o encontro e o diálogo com a identidade e o modo de vida das populações tradicionais da região. Experimentamos, assim, nessa vivência simbólica, literária, antropológica uma poética das águas e das raízes, permeada pela atmosfera espiritual e sagrada dos manguezais.

Essa experiência poética das águas e das raízes, vivenciada na obra, entrelaça lendas e mitos, mostrando e refletindo a profunda conexão das populações pescadoras com o mar, rios, com os ecossistemas costeiros e com a vida espiritual dos mangues.

A poesia de cordel nos leva à vivência da “Lenda da Alma”, que conta a história de seu Raimundo, um pescador que vive no Piauí e enfrenta uma experiência aterrorizante durante uma de suas pescarias; nos conduz à “Lenda do Espírito”, que narra a experiência de Dona Maria, uma marisqueira experiente que trabalha nos manguezais desde jovem. Ela e outras mulheres vão pescar mariscos em uma região do manguezal, seguindo a rotina tradicional. Um dia, durante uma dessas pescarias, elas escutam um barulho estranho, semelhante ao de um machado cortando galhos, vindo da mata próxima. A “Lenda do Assobiador” nos conecta com a experiência de seu João, um pescador que, durante uma noite de pesca no manguezal, se depara com um fenômeno inexplicável. Já a “Lenda da Mãe D’água” conta a experiência de Francisco, um pescador aposentado que recorda um evento aterrorizante de sua juventude. Em uma noite de pesca, Francisco decidiu explorar um pouco mais do rio do que de costume, esperando encontrar novas espécies. Quando o sol se pôs e a lua apareceu, ele preparava-se para encerrar a pescaria quando sua rede voltou vazia. Temos também a “Lenda do Animal”, a qual relata a experiência de Luís, um jovem pescador que cresceu aprendendo sobre o manguezal com seu pai e outros pescadores. Ele sabia que o mangue era vital e repleto de vida, desde caranguejos até jacarés e peixes. A obra também nos traz a “Lenda do Homem”, que narra a experiência de Zé Maria, um pescador que enfrenta uma assombração no rio. Durante uma noite de pesca, ele vê sua canoa sendo puxada para o fundo e encontra um ser sobrenatural, um homem mediano com força imensa. Após escapar, Zé conta sua história, revelando o perigo que espreita nos rios, ilustrado pelos destroços de sua canoa encontrados mais tarde. A “Lenda do Gritador” finaliza a obra, compartilhando a história de seu Bento, que viveu uma experiência inquietante enquanto pescava durante uma noite de lua cheia.

Apesar das narrativas concentrarem-se nas experiências e casos aterrorizantes, essas lendas são reveladoras de uma cosmologia, segundo a qual existe uma grande interconexão entre todos os seres: animais, plantas, rios e até mesmo objetos inanimados são considerados como parte de uma grande família; há, portanto, uma relação intrínseca e sagrada entre o ser humano e a natureza, concebendo-a como um ente vivo, dotado de espírito e energia. Essa visão, presente em diversas culturas africanas e indígenas, diverge significativamente do dualismo cartesiano que separa o ser humano da natureza.

Trago a perspectiva do autor Hampâté Bâ (1994, 2008)\* que, na riqueza de seus textos, baseada nos recursos da oralidade africana, ensina-nos que os mitos, contos, lendas, provérbios, cantos são recursos que trazem ensinamentos baseados nos valores culturais ancestrais dos povos africanos

---

\* AMADOU, Hampâté Bâ. *Contes initiatiques peuls*. Paris: Stock, 1994.

AMADOU, Hampâté Bâ. *Petit bodiél et autres contes de la savane*. Paris: Stock, 1994.

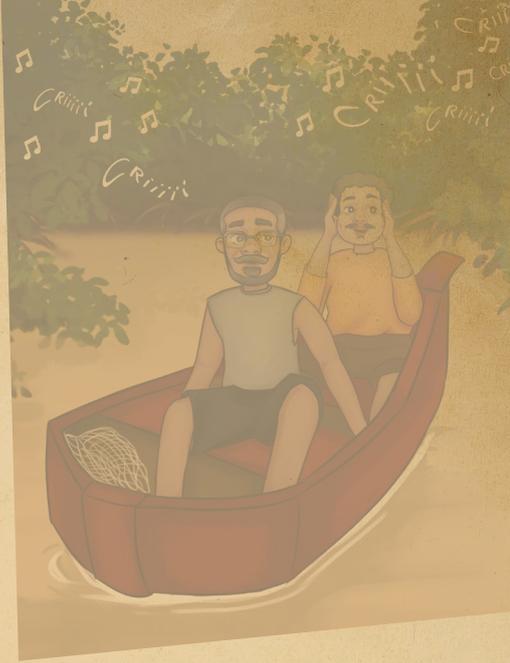
AMADOU, Hampâté Bâ. *Amkoullel, o menino fula*. 2. ed., São Paulo: Casa das Áfricas, 2008.

e afrodescendentes, onde os personagens, sejam eles humanos, animais ou quaisquer outras entidades, sempre estão em ação e em diálogos refletindo a vida e as relações nas sociedades humanas. Solidariedade, partilha, humildade, justiça, coragem, equilíbrio, harmonia, ética, respeito à natureza, entre outros, são valores possíveis de serem notados nos contos de obras, como no exemplo das obras do referido autor: “Petit Bodiel et autres contes de la savane” (1994) e “Contes initiatiques peuls” (1994). Essas obras relatam contos iniciáticos. Portanto, podemos dizer com Hampâté Bâ (1994) que as lendas e os mitos não são apenas narrativas antigas, mas mecanismos através dos quais os valores, a moral e as histórias coletivas são transmitidas e perpetuadas ao longo das gerações.

Assim, em “Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba-Piauí”, encontramos não apenas narrativas de assombros e encantos, mas a alma viva de uma terra repleta de mistérios e tradições. Cada história, narrada com o vigor e a sabedoria de seus contadores/as e sistematizadas na poesia de cordel, nos revela o elo profundo entre o ser humano e o manguezal, entre o mito e a realidade, entre o visível e o invisível. Através dessas narrativas, ressoam os ecos de um passado imortalizado em versos, onde o assombro e a magia se entrelaçam com o cotidiano dos pescadores, pescadoras, marisqueiras e das criaturas que habitam essas águas.

Que ao final da leitura possamos sentir a presença do vento que sussurra lendas, das águas que guardam segredos e das vozes dos ancestrais que continuam a nos guiar, pois é na tradição oral que preservamos não só o que foi, mas também o que somos eternamente enredados nas histórias que contamos e ouvimos.

*Prof. Dr. Osmar Rufino Braga  
Pedagogo – Educador Popular  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAr*



Lenda 1

# LENDA DA ALMA



A história que vou contar  
é um conto muito medonho,  
não é nenhuma mentira  
e muito menos é sonho,  
quem me contou a história  
foi seu Raimundo da Glória  
pras bandas do Piauí,  
passou um medo danado  
e ainda vive assombrado  
com o que contarei aqui.



Seu Raimundo é pescador  
da pesca tira o sustento,  
quando ia para as águas  
antes temia só vento,  
mas de uns tempos pra cá  
ele se esbarrou por lá  
com um ser esbranquiçado,  
que assombra os pescadores  
e todos os moradores  
de um pequeno povoado.



AAAH!

AAAH!

AAAH!

GRR!

GRR!

GRR!

GRR!

GRR!

!

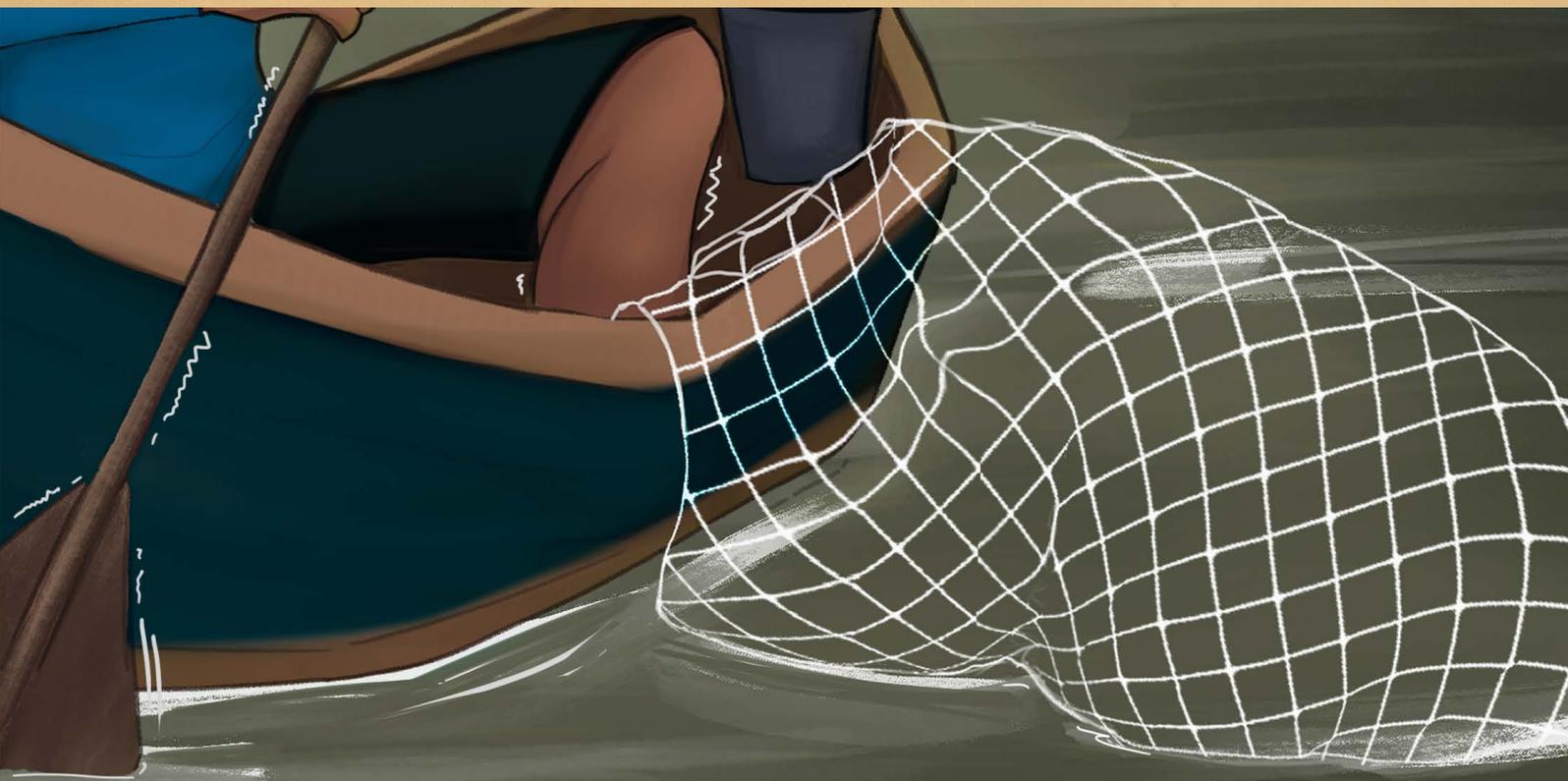
Raimundo tem o costume  
de pescar no fim do dia,  
quando o sol já vai embora,  
e a lua já aparecia,  
às vezes de madrugada  
sai de barco na caçada  
atrás do seu alimento,  
é um trabalho cansativo  
que nem sempre é produtivo  
mas é seu único sustento.

Em uma dessas pelejas  
ao fazer a pescaria,  
seu Raimundo se assustou  
com um barulho que ouvia,  
não era feito por gente  
era estranho, diferente,  
parecia um animal,  
era motivo de espanto  
ecoava em todo canto  
lá dentro do manguezal.



Sua noite tinha tudo  
para ser só de fartura,  
mas se tornou tenebrosa  
por conta da criatura,  
ele não sabia bem  
se era a voz de alguém,  
ou um bicho machucado,  
mas começou a ter medo  
mesmo a lua desde cedo  
iluminando o povoado.

Era um gemido estranho  
não se sabe de onde vinha,  
se era de dentro do rio  
ou das árvores que tinha,  
mesmo com medo e sozinho  
foi seguindo seu caminho  
continuou a pescaria,  
e quanto mais navegava  
mais o som aumentava  
e mais barulhos se ouvia.



Os gemidos pareciam ser de tristeza e de dor, cada gemido causava mais medo no pescador, era um barulho tão forte parecia ser de morte de algum animal ferido, e no decorrer do rio ele sente calafrio ao som de cada gemido.





Quando os gemidos pararam  
Raimundo seguiu em frente,  
achou que tinha acabado  
mas logo rapidamente,  
uma pedrinha é jogada  
ele põe luz, não vê nada  
e não encontra ninguém,  
logo fica assustado  
tem galhos pra todo lado  
sendo jogados também.



Era como se pessoas  
estivessem lá por perto,  
jogando pedras e galhos  
de algum lugar incerto,  
mas só tinha no local  
Raimundo no manguezal  
e os peixes da pescaria,  
como a lua era cheia  
dava para ver a areia  
parecia luz do dia.

O medo tomou de conta  
ele tenta ir embora,  
tira o seu barco de lado  
e logo na mesma hora,  
um vulto branco sem cara  
passa rápido, não para,  
e ele fica sem saber,  
se aquilo tudo é verdade  
ou se perdeu a sanidade  
com a imagem que ele vê.



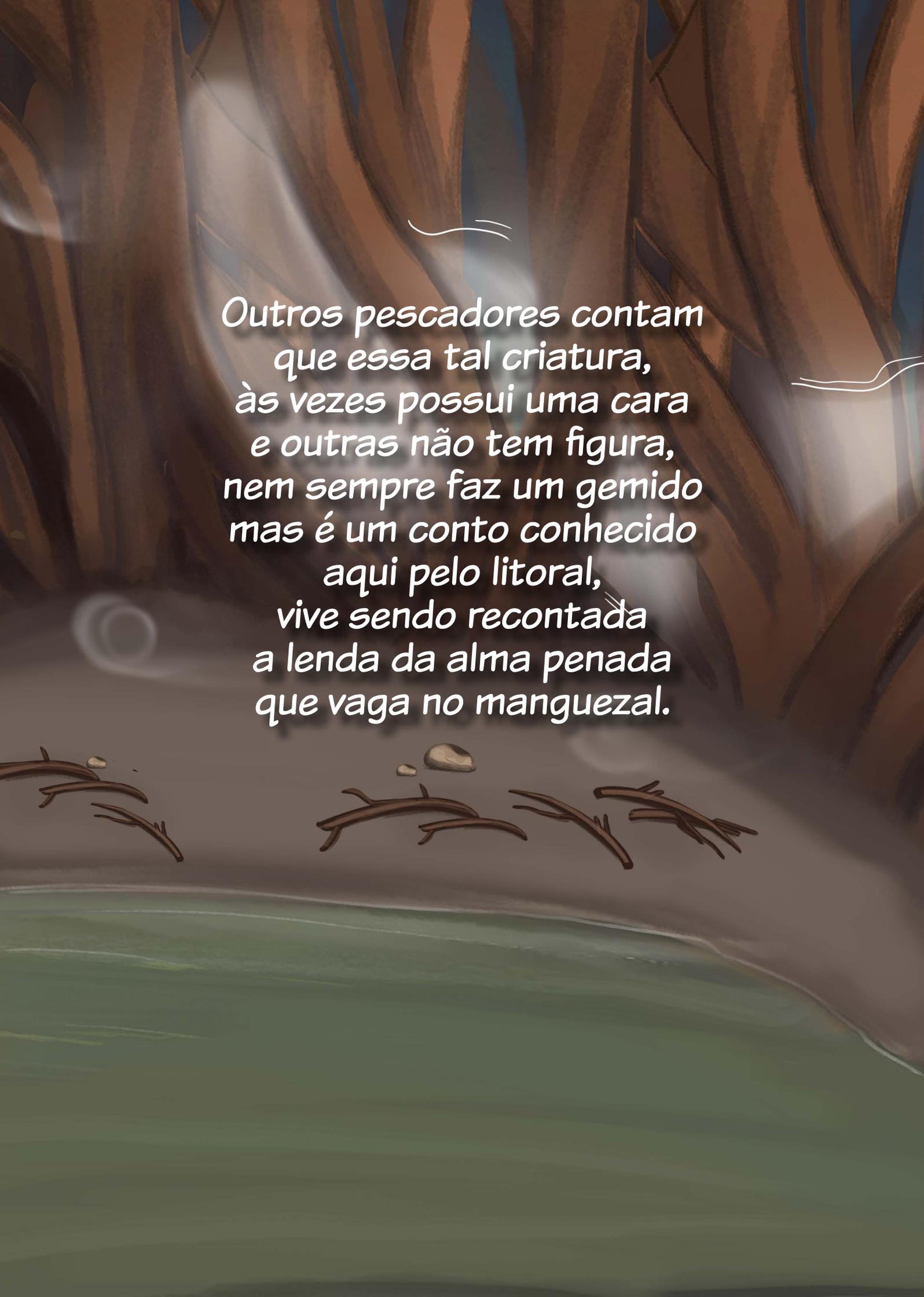
O pescador se apressa  
querendo sair de lá,  
enquanto o vulto sem rosto  
vaga de lá para cá,  
debaixo da luz da lua  
o gemido continua  
começa uma ventania  
e a rede que foi jogada  
vem vazia, não tem nada  
chega ao fim a pescaria.

Desesperado, Raimundo  
sai de lá rapidamente,  
e tendo a plena certeza  
que aquilo nunca foi gente,  
muito menos animal  
era sobrenatural  
algo bem desconhecido,  
não tinha cara de nada  
era uma alma penada  
que tinha feito o gemido.



Quando tomava distância  
já longe do manguezal,  
percebeu que não havia  
barulhos pelo local,  
não se escutava gemido  
e o vulto tinha sumido  
no meio de tanto breu,  
se escondendo lá no fundo  
deixando no seu Raimundo  
o trauma que ele viveu.

Após isso o pescador  
não foi mais de madrugada,  
pois se o gemido aparece  
ninguém pode fazer nada,  
ele é um aviso da alma  
se ouvir mantenha a calma  
pegue as coisas e vá embora,  
cancele sua pescaria  
volte depois, outro dia,  
e fuja na mesma hora.



Outros pescadores contam  
que essa tal criatura,  
às vezes possui uma cara  
e outras não tem figura,  
nem sempre faz um gemido  
mas é um conto conhecido  
aqui pelo litoral,  
vive sendo recontada  
a lenda da alma penada  
que vaga no manguezal.



Lenda 2

# LENDA DO ESPÍRITO





Essa história é um conto  
que contaram para mim,  
eu não sei se foi verdade  
mas só sei que foi assim,  
ela não traz muito medo  
para narrar esse enredo  
fui lá no rio, pela beira,  
atrás da dona Maria  
forte que nem luz do dia  
e uma grande marisqueira.

**Dona Maria trabalha  
desde o tempo de menina,  
ainda pesca marisco  
e para as filhas ensina,  
a pescar nos manguezais,  
fazendo os materiais  
usados na pescaria,  
uma grande profissão  
que passa de geração  
vai de Maria a Maria.**



A mariscagem é feita  
lá dentro do manguezal,  
junta várias marisqueiras  
e seguem para o local,  
enquanto o mangue esvazia  
fazem sua pescaria  
nas águas da região,  
debaixo de sol e céu,  
tem na cabeça um chapéu  
e seu landuá na mão.

Em uma dessas idas  
na baixada da maré,  
lá se foi dona Maria  
ao manguezal indo a pé,  
uma paisagem tão bela  
várias mulheres com ela  
fazendo o seu trabalho,  
cantando durante a cata  
até ouvir lá na mata  
a quebradeira de galho.



As mulheres rapidamente pararam sem entender, que barulho era aquele que não dava para ver, elas olhavam de lado escutavam um machado cortar galho e madeira, ninguém não sabia ao certo quem estava lá por perto fazendo a quebradeira.

Diante do tal barulho  
pensaram que poderia,  
ser o marido de alguém  
caçando na luz do dia,  
mas não tinha o que caçar  
os caranguejos do lugar  
estavam bem protegidos,  
era tempo de defeso  
não se cata, nem é preso  
até ficarem crescidos.





Já que às vezes as crianças  
brincavam no manguezal,  
não levaram muito a sério  
os ruídos do local,  
mas só estranharam o som  
pois não mudava de tom,  
só repetia a batida,  
era como se o machado  
nunca tivesse parado  
e tivesse a própria vida.

A quebradeira não para  
vai chegando mais pertinho,  
dona Maria levanta  
e segue até o caminho,  
vai na metade da estrada  
ao chegar lá não vê nada  
e o barulho se mantém,  
quanto mais ela caminha  
mais se arre pia todinha  
na barulheira que vem.



Dona Maria curiosa  
continua caminhando,  
cada passo que é dado  
o barulho vai chegando,  
ficou com a mão gelada  
olhou por lá, não viu nada,  
era só ela no local,  
até que rapidamente  
apareceu em sua frente  
um ser sobrenatural.

Possuía cara e corpo,  
e nas mãos tinha um machado,  
até parecia um vulto  
ou outro ser assombrado,  
mas logo em um instante  
viu que era semelhante  
a uma pessoa querida,  
que dentro do manguezal  
naquela mesmo local  
havia perdido a vida.



O espírito lhe lembrava  
um morador bem antigo,  
um grande antepassado  
que de seus pais era amigo,  
o espírito flutuava  
e quanto mais ela olhava  
mais parecia a pessoa,  
o falecido senhor  
que além de pescador  
era alguém com alma boa.

Paralisada e olhando  
o espírito em sua frente,  
bem de longe ela escutava  
a barulheira de gente,



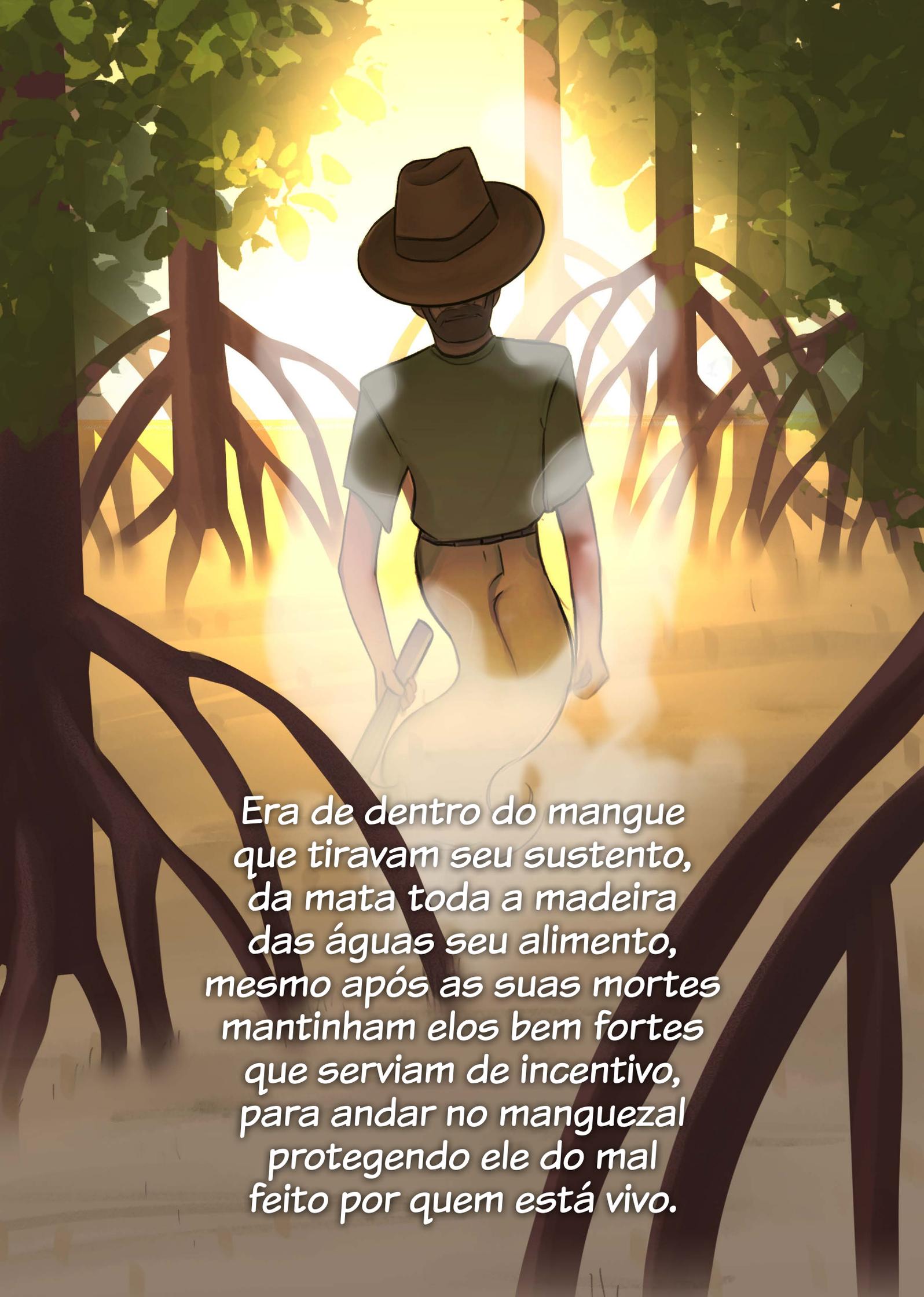
as mulheres lhe chamavam  
e muitas delas achavam  
que algo tinha acontecido,  
estavam procurando ela  
quando chegam perto dela  
o homem já tinha sumido.

A quebradeira já tinha  
sido parada também,  
e dona Maria olhava  
mas não enxergava ninguém,  
na volta da mariscagem  
aquela estranha imagem  
da sua mente não saía,  
não tinha como esquecer  
o que ela acabou de ver  
na manhã daquele dia.

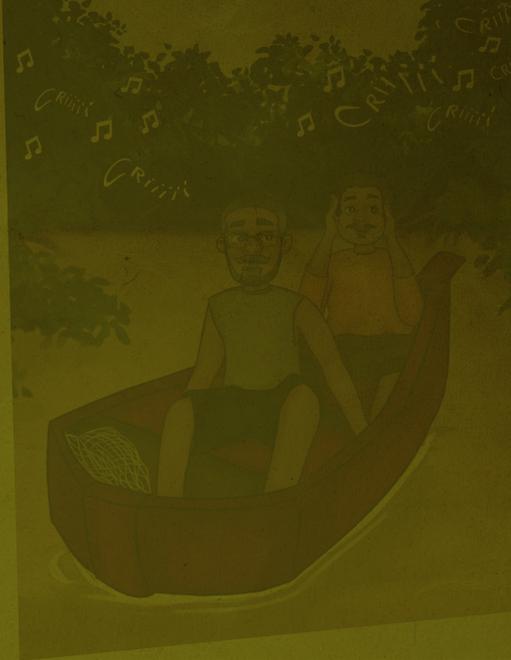
Ao contar para as mulheres  
que estavam lá no rio,  
elas ficaram com medo  
e sentem um arrepio,  
quando disse ao seu marido  
ele diz já ter ouvido  
contos sobrenaturais,  
de gente já falecida  
que após perder a vida  
vaga por certos locais.

Depois daquele encontro  
mariscar foi diferente,  
quando tinha quebradeira  
de machado lá na frente,  
já sabiam, era a hora  
de todas irem embora  
e não ficarem por lá,  
para não correr os riscos  
guardavam os seus mariscos  
e também seu landuá.

Dizem que esses espíritos  
são pessoas do passado,  
que moravam bem ali  
com muito zelo e cuidado,  
que tinham a sensação  
de serem da região  
de pertencer ao local,  
que viviam todo dia  
na mais pura harmonia  
lá dentro do manguezal.

An illustration of a man wearing a brown hat and a green t-shirt, walking away from the viewer through a mangrove forest. The scene is bathed in the warm, golden light of a sunset or sunrise, with the sun visible through the trees in the background. The man is holding a rolled-up document or map in his right hand. The mangrove trees have prominent, arching prop roots that create a complex, organic pattern in the foreground and midground.

Era de dentro do mangue  
que tiravam seu sustento,  
da mata toda a madeira  
das águas seu alimento,  
mesmo após as suas mortes  
mantinham eles bem fortes  
que serviam de incentivo,  
para andar no manguezal  
protegendo ele do mal  
feito por quem está vivo.



Lenda 3

# LENDA DO ASSOBIADOR



Se nos dá medo em ouvir  
história de assombração,  
imagine escutar essa  
contada por seu João,  
só de pensar me arrepio  
ela se passou no rio  
lá dentro do manguezal,  
depois do que foi passado  
hoje ele toma cuidado  
quando pesca no local.

Seu João conta a história  
de que em certa pescaria,  
que ele fez no fim da noite  
já entrando no outro dia,

An illustration showing two men from behind, standing in a red boat on a river. The man on the left is wearing a grey tank top and black shorts, holding a wooden oar. The man on the right is wearing a yellow long-sleeved shirt and black shorts. They are looking towards a large, white fishing net that is partially submerged in the water. The background is filled with lush green trees and a warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The text is overlaid on the scene.

algo estranho aconteceu  
mas só sabe que aprendeu  
uma importante lição,  
não pescar ou deixar preso  
peixe durante o defeso  
que existe na região.



Naquela noite o pescador  
decidiu não ir sozinho,  
no embalo do momento  
até mudou de caminho,  
ele estava acompanhado  
tinha um colega do lado  
que era pescador também,  
além deles tinha o vento  
galhos soltos no relento  
e os peixes que por lá tem.

Estava tudo indo em paz  
da forma que ele queria,  
enquanto eles conversavam  
de peixes a rede enchia,  
mas toda a paz foi embora  
exatamente na hora  
que ouviram um assobio,  
parecia um passarinho  
ecoava bem fininho  
de ponta a ponta do rio.



Resolveram então achar  
o dono daquele som,  
além de levarem peixe  
um passarinho era bom,  
era um alimento a mais  
diferente dos demais  
que eles queriam pegar,  
um põe a luz bem em cima  
já o outro logo se anima  
para tentar atirar.

Apontaram a lanterna  
para ver de onde vinha,  
procuraram pelo mangue  
mas nenhum pássaro tinha,  
ficaram encabulados  
procurando pelos lados  
o possível passarinho,  
era algo muito incerto  
às vezes soava perto  
e outras no fim do caminho.



Como não acharam nada voltaram a pescaria, até que o som aumentou e quanto mais se ouvia, causava dor nos ouvidos deixando bem doloridos era impossível aguentar, eram tantos assobios que causavam calafrios naquele mesmo lugar.

O medo bateu depressa  
e naquela mesma hora,  
a vontade que eles tinham  
foi de fugir e ir embora,  
era muito agoniante  
de instante em instante  
um assobio se escutava,  
era fino feito o vento  
se ouvia a todo momento  
e em todo canto soava.

Parecia estar no barco  
o fazedor do assobio,  
às vezes vinha do mato  
e em outras vinha do rio,



era som em todo canto  
causava medo e espanto  
além disso, muita dor,  
mas nisso o maior receio  
foi quando o bicho veio  
na nuca do pescador.

Quando isso aconteceu  
o assobio veio mais forte,  
ao sentir maiores dores  
seu João temeu a morte,  
na pressa pra se salvar  
não conseguiram tirar  
a rede da pescaria,  
quanto mais eles tentavam  
mais finos os sons ficavam  
e mais no ouvido doía.

Saíram bem apressados  
e a rede ficou no rio,  
quando chegaram bem longe  
ninguém ouvia assobio,



os seus ouvidos doíam  
mas no fim eles sabiam  
que aquilo não era normal,  
era alguma assombração  
que estava na região,  
naquela hora e local.

Ao chegarem lá na vila  
vinham os dois pescadores,  
com as mãos em cada ouvido  
e reclamando das dores,  
foram contando direitinho  
desde o falso passarinho  
que pensavam existir,  
até o medo que passaram  
e assobios que escutaram  
na luta para fugir.



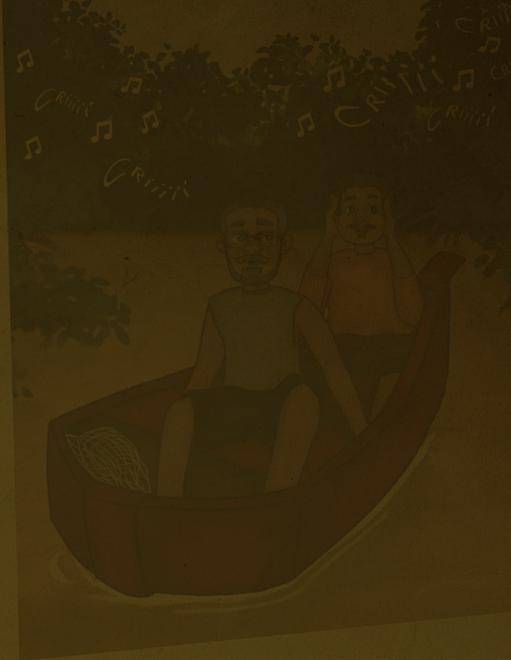
Quando contavam tudo isso  
chegou lá perto um senhor,  
falando que os assobios  
eram do assobiador,  
um ser sobrenatural  
que vive no manguezal  
jamais visto por ninguém,  
que somente é conhecido  
pelo medonho e temido  
assobio que ele tem.

Ele aparece no mangue  
se tiver algo de errado,  
como pessoas pescando  
sem ter atenção e cuidado,  
pegando vários peixinhos  
ou caranguejos novinhos  
quando não é permitido,  
se é defeso lá no rio  
ele vem com o assobio  
bem fino em nosso ouvido.



Mas muitos já entenderam  
que esse assobiador,  
além de nos causar medo  
também é um protetor,  
cuida da fauna e da flora  
e somente manda embora  
aquele que fizer mal,  
trazendo risco e perigo  
ou se tornando inimigo  
da vida do manguezal.





Lenda 4

# LENDA DA MÃE D'ÁGUA





Quando o tempo vai passando  
a idade só vai crescendo,  
quem antes ia pescar  
hoje fica em casa vendo,  
o subir da maresia  
os barcos da pescaria  
e nas águas as crianças,  
e relembra cada história  
existente na memória  
que hoje são só lembranças.

O pescador sai da pesca  
mas a pesca continua,  
presente em sua história  
e em cada memória sua,  
ao falar com seu Francisco  
sobre cada medo e risco  
que ele passou ao pescar,  
foi contando dos perigos  
e de alguns dos seus amigos  
que perdeu ao trabalhar.

Francisco foi pescador  
mas hoje está aposentado,  
vive contando histórias  
que ele viveu no passado,  
essas histórias contadas  
umas são águas passadas  
outras vivem no local,  
umas causam arrepio  
como as das lendas do rio  
e também do manguezal.



Ele conta que certa vez  
ao ir em uma pescaria,  
seguiu o mesmo trajeto  
que era feito todo dia,  
como sabia o caminho  
costumava ir sozinho  
sem ter temor ou medo,  
e toda vez que pescava  
o pescador não gostava  
de voltar tarde, só cedo.



Nesse dia a sua rede  
estava enchendo ligeiro,  
o pescador tinha peixe  
que dava pro mês inteiro,  
mas como ainda era dia  
pensou que mal lhe faria  
adentrar um pouco mais,  
procurar espécies novas  
mesmo estando nas desovas  
de diversos animais.

Foi adentrando pouco a pouco  
por diferentes caminhos,  
no céu de fim de tarde  
aves voam para os ninhos,  
a lua logo apontava  
enquanto o sol se deitava  
se despedindo do dia,  
quando se atentou na hora  
achou melhor ir embora  
e encerrar a pescaria.

Mas para encerrar de vez  
jogou a rede novamente,  
esperando trazer cheia  
só que foi bem diferente,  
a rede voltou vazia  
e ele não entendia,  
o que tinha acontecido,  
então outra vez jogou  
nada veio, só escutou  
vindo do rio um ruído.

Francisco olhou para trás  
viu as águas balançando,  
como se tivesse alguém  
ou algo grande chegando,  
viu diversos passarinhos  
todos saindo dos ninhos,  
mesmo já sendo lua cheia,  
e ao olhar no fim do rio  
sentiu medo e arrepio  
ao avistar uma sereia.



Parecia uma mulher  
pela imagem feminina,  
com o cabelo bem longo  
e a sua cintura fina,



mas ao descer a visão  
viu que a mulher em questão  
tinha uma calda gigante,  
até parecia engano  
tinha tronco de humano  
e peixe em todo o restante.

Andava serpenteando  
entro das águas do rio,  
uma imagem tenebrosa  
que causava calafrio,  
aos passar pelos caminhos  
saíam os passarinhos  
em sinal de revoada,  
fugiam todos voando  
e assim iam avisando  
e anunciando a chegada.



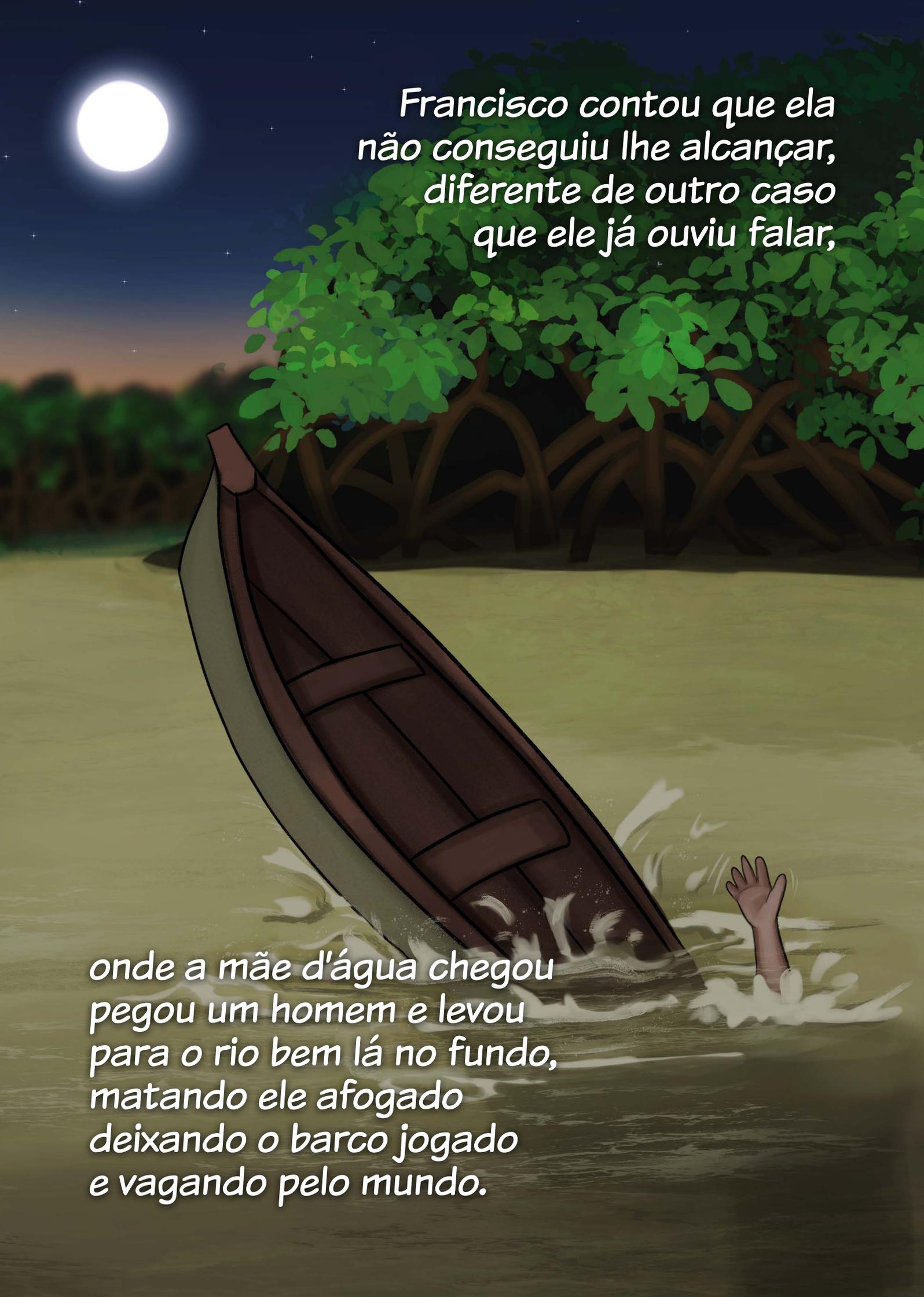
Francisco conta que logo que avistou a tal sereia, pensou em sair nadando até chegar lá na areia, mas poderia dar errado pois era muito arriscado seria puxado ao fundo, ela vinha rapidamente serpenteando na frente de segundo em segundo.

O pescador puxou a rede numa pressa desgramada, tirou o barco de lado foi saindo em disparada, ele tentando ir embora e os peixes caindo fora do barco nessa corrida, pois só pensava em fugir, se segurar, não cair e salvar a sua vida.



Nisso a criatura vinha  
bem atrás serpenteando,  
ao bater a mão no barco  
ele quase foi virando,  
a lua nessa labuta  
iluminava toda a luta  
que na hora acontecia,  
entre o pobre pescador  
que fugia do terror  
que surgiu da pescaria.

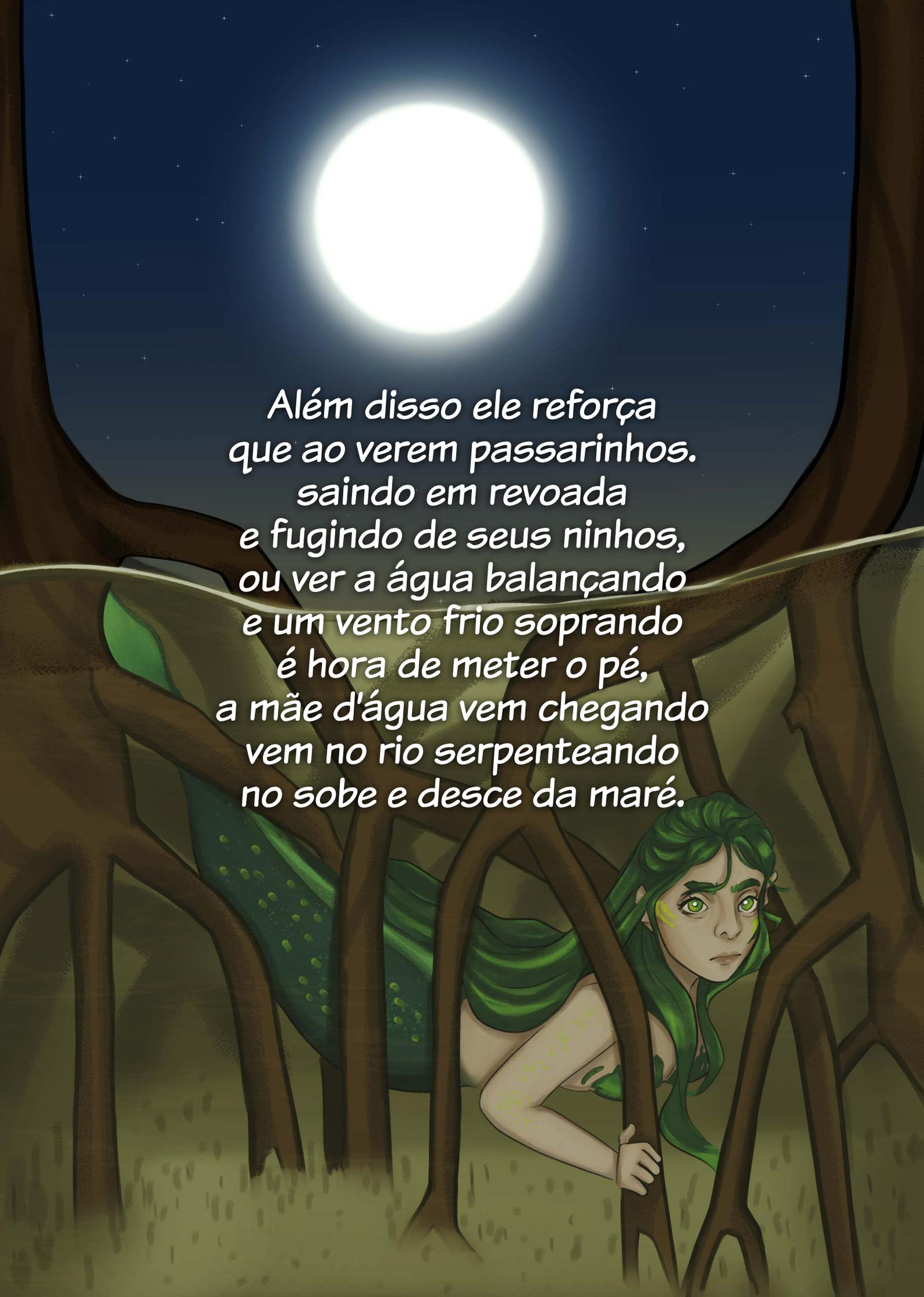
Quando perdia a esperança  
e temia por sua vida,  
avistou uma forte luz  
que lhe apontou uma saída,  
para a sua grande sorte  
conseguiu fugir da morte  
chegando até sua vila,  
onde contou o que ele viu  
da mãe d'água que surgiu  
naquela noite tranquila.



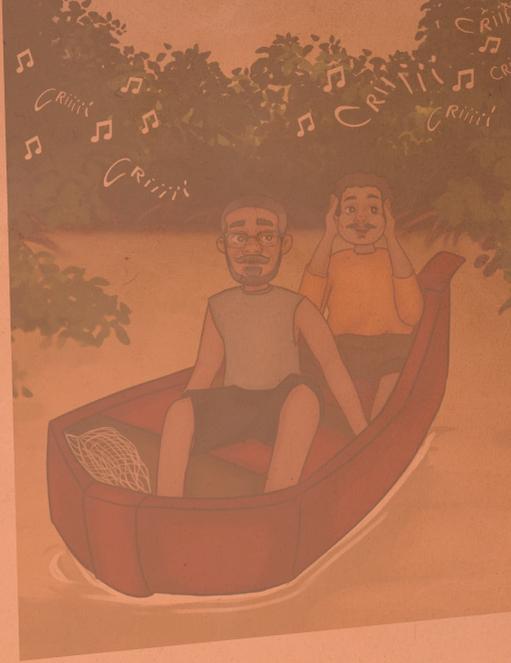
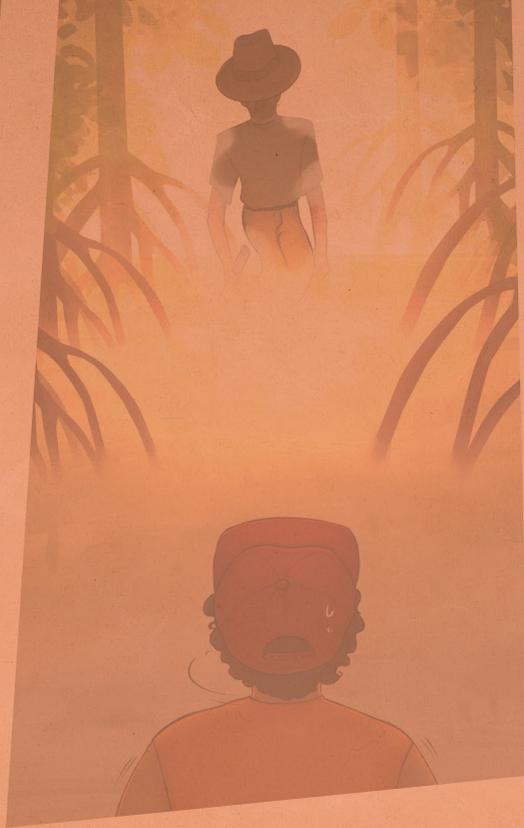
Francisco contou que ela  
não conseguiu lhe alcançar,  
diferente de outro caso  
que ele já ouviu falar,

onde a mãe d'água chegou  
pegou um homem e levou  
para o rio bem lá no fundo,  
matando ele afogado  
deixando o barco jogado  
e vagando pelo mundo.

Por conta do que passou  
fugindo dessa sereia,  
seu Francisco se atenta  
e quando é na lua cheia,  
ele avisa os pescadores  
e todos os moradores  
que moram no povoado,  
a pescar só o que precisa  
ainda por cima avisa  
a ter bastante cuidado.

A woman with long, flowing green hair and yellow-green face paint is crouching in a forest at night. She is wearing a green, leaf-like garment. The forest is illuminated by a large, bright full moon in a dark blue sky with small white stars. The trees are dark brown and the ground is a mix of green and brown. The text is centered in the upper half of the image.

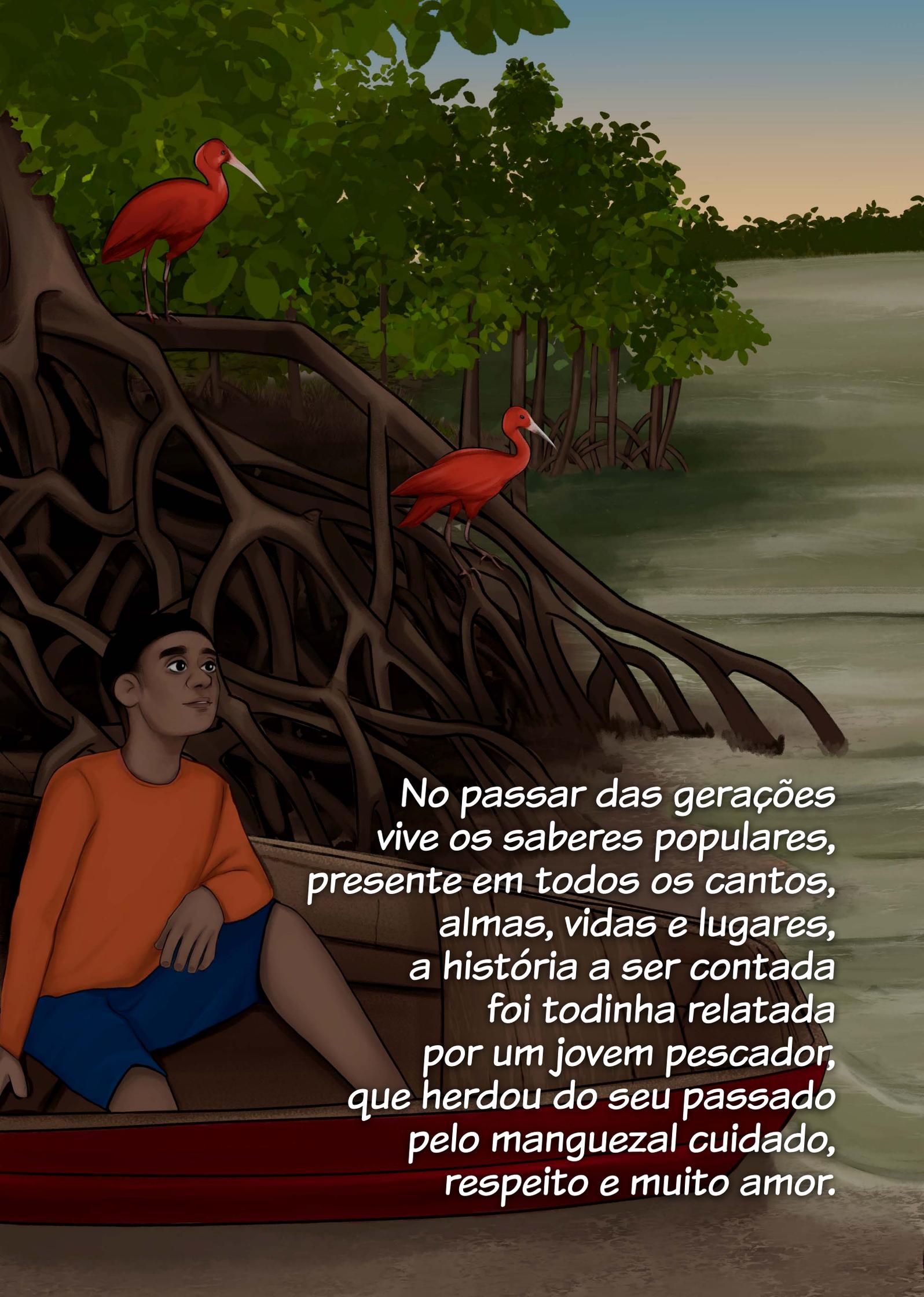
Além disso ele reforça  
que ao verem passarinhos.  
saindo em revoada  
e fugindo de seus ninhos,  
ou ver a água balançando  
e um vento frio soprando  
é hora de meter o pé,  
a mãe d'água vem chegando  
vem no rio serpenteando  
no sobe e desce da maré.



Lenda 5

# LENDA DO ANIMAL





No passar das gerações  
vive os saberes populares,  
presente em todos os cantos,  
almas, vidas e lugares,  
a história a ser contada  
foi todinha relatada  
por um jovem pescador,  
que herdou do seu passado  
pelo manguezal cuidado,  
respeito e muito amor.

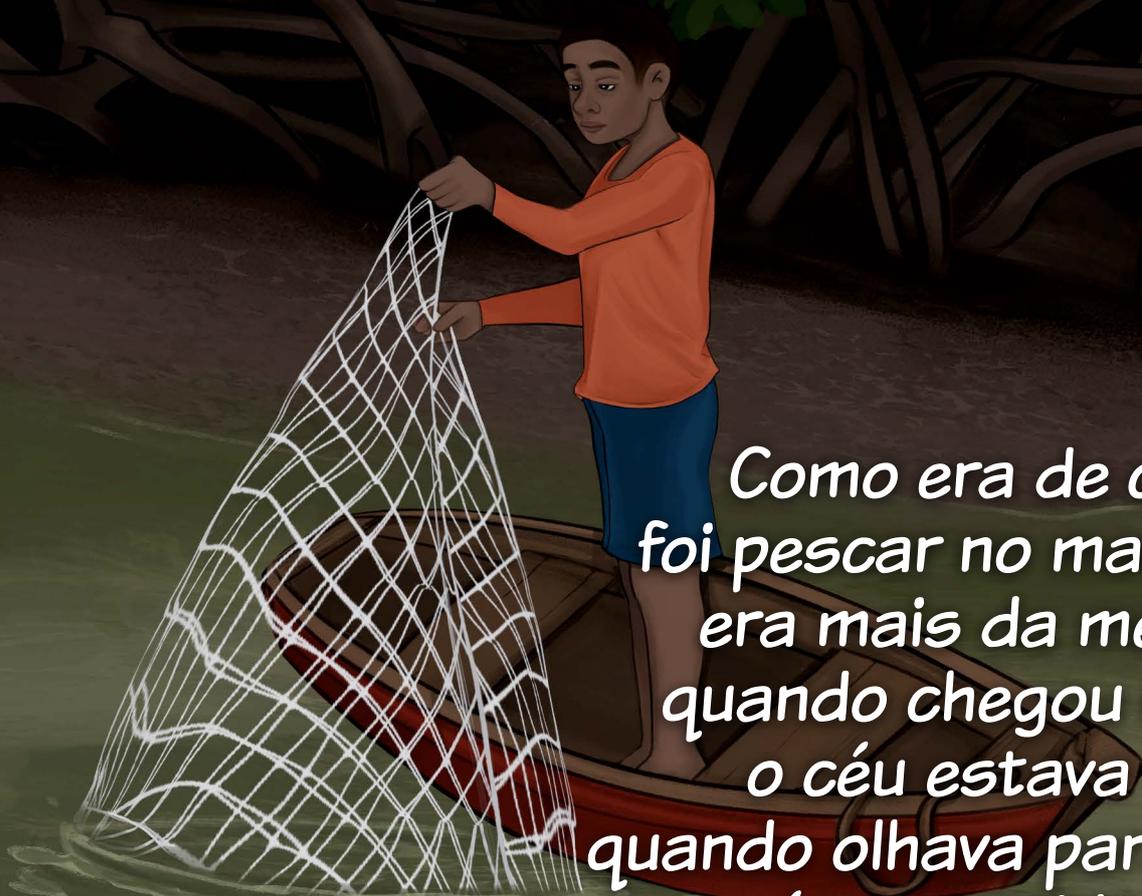
O menino foi crescendo  
no meio dos pescadores,  
aprendendo a profissão  
com seu pai e outros senhores,  
aprendeu pelo local  
sobre pesca artesanal  
e saberes regionais,  
construiu a sua história  
mantendo viva a memória  
dos avós e dos seus pais.



Luís desde bem pequeno  
aprendeu que mangue é vida,  
é berçário, resistência,  
entrada e também saída,  
já viu pelo igarapé  
caranguejo, jacaré,  
garça, peixe e camarão,  
viu diversos animais  
nos mais distintos locais  
do mangue da região.

Certa vez ele contou  
uma tenebrosa história,  
de um animal nunca visto  
mas que não sai da memória,  
um ser sobrenatural  
que ele viu no local  
durante uma pescaria,  
parece coisa inventada  
mas depois que é contada  
não tem quem não se arrepia.

Luís era conhecido por pescar na madrugada, às vezes ele ia sozinho não tinha medo de nada, por amigos era alertado para tomar mais cuidado ao pescar nesse horário, noite nunca é como dia não se sabe o que vigia um pescador solitário.



Como era de costume foi pescar no manguezal, era mais da meia noite quando chegou no local, o céu estava nublado quando olhava para o lado só a escuridão do rio, o silêncio era gigante, a frieza era constante, e o vento soprava frio.

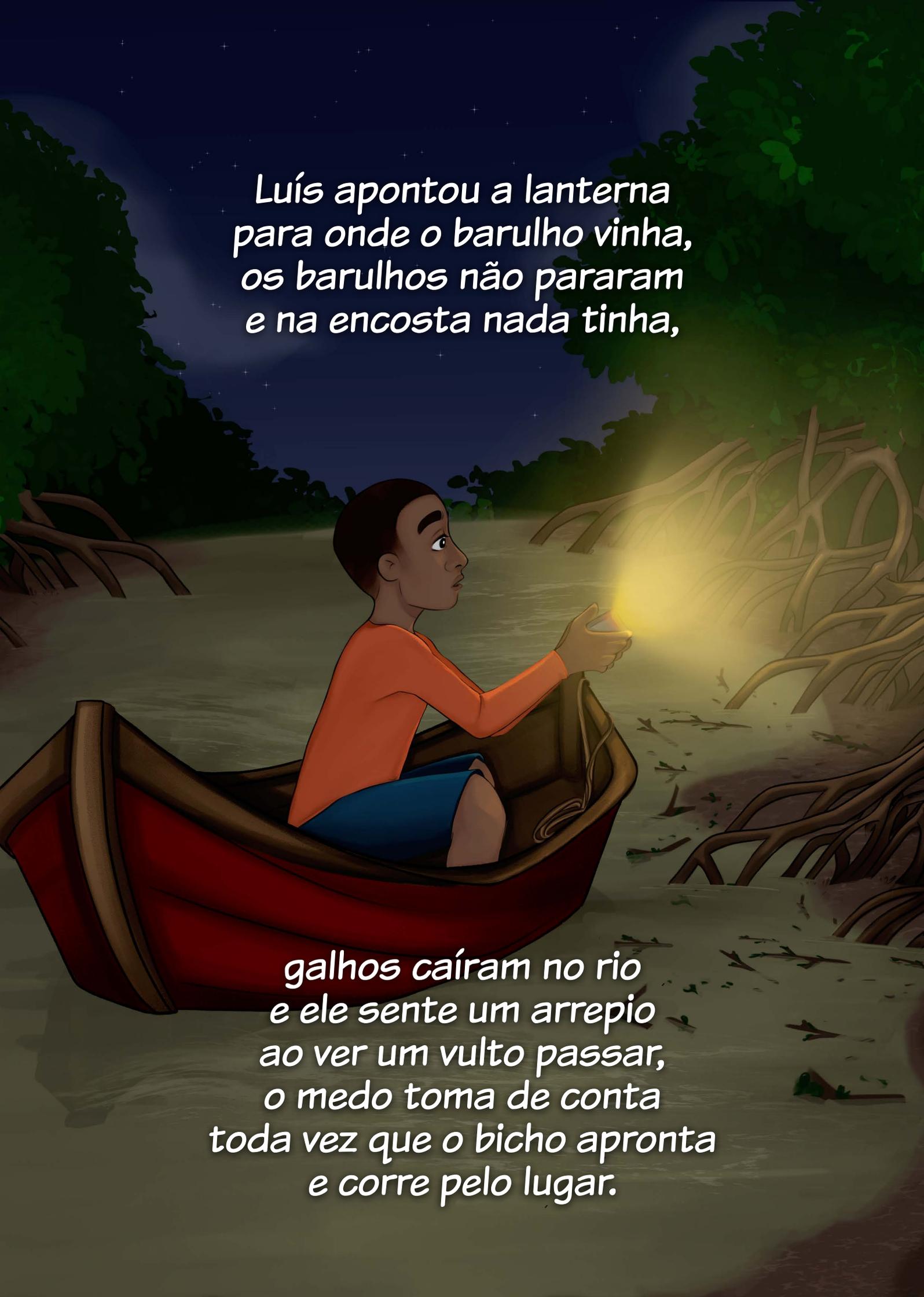
Mas isso não lhe abalou  
nem mesmo a escuridão,  
ele tinha uma lanterna  
e não tirava da mão,  
sabia bem o caminho,  
até puxava sozinho  
a rede da pescaria,  
que às vezes vinha lotada,  
poucos peixes, quase nada  
ou em outras até vazia.

Durante algumas horas  
a pesca rendeu bastante,  
mas tudo logo mudou  
daquela hora em diante,



apareceu feito um vento  
correndo pelo relento  
e na encosta do local,  
uma estranha criatura  
vagando na noite escura  
parecendo um animal.

No início ele pensou  
ser um cachorro perdido,  
mas durante o momento  
não teve nenhum latido,  
tentou voltar aos trabalhos  
mas com a queda de galhos  
ficou bastante assustado,  
logo parou a pescaria  
para caçar se havia  
algo ali bem do seu lado.

A young boy with dark skin and short hair is sitting in a red wooden boat on a river at night. He is wearing an orange long-sleeved shirt and blue shorts. He is holding a glowing yellow lantern in his hands, which illuminates the water and the mangrove roots around him. The background shows a dark night sky with stars and dense green foliage on the banks. The water is calm, and the mangrove roots are prominent in the foreground and middle ground.

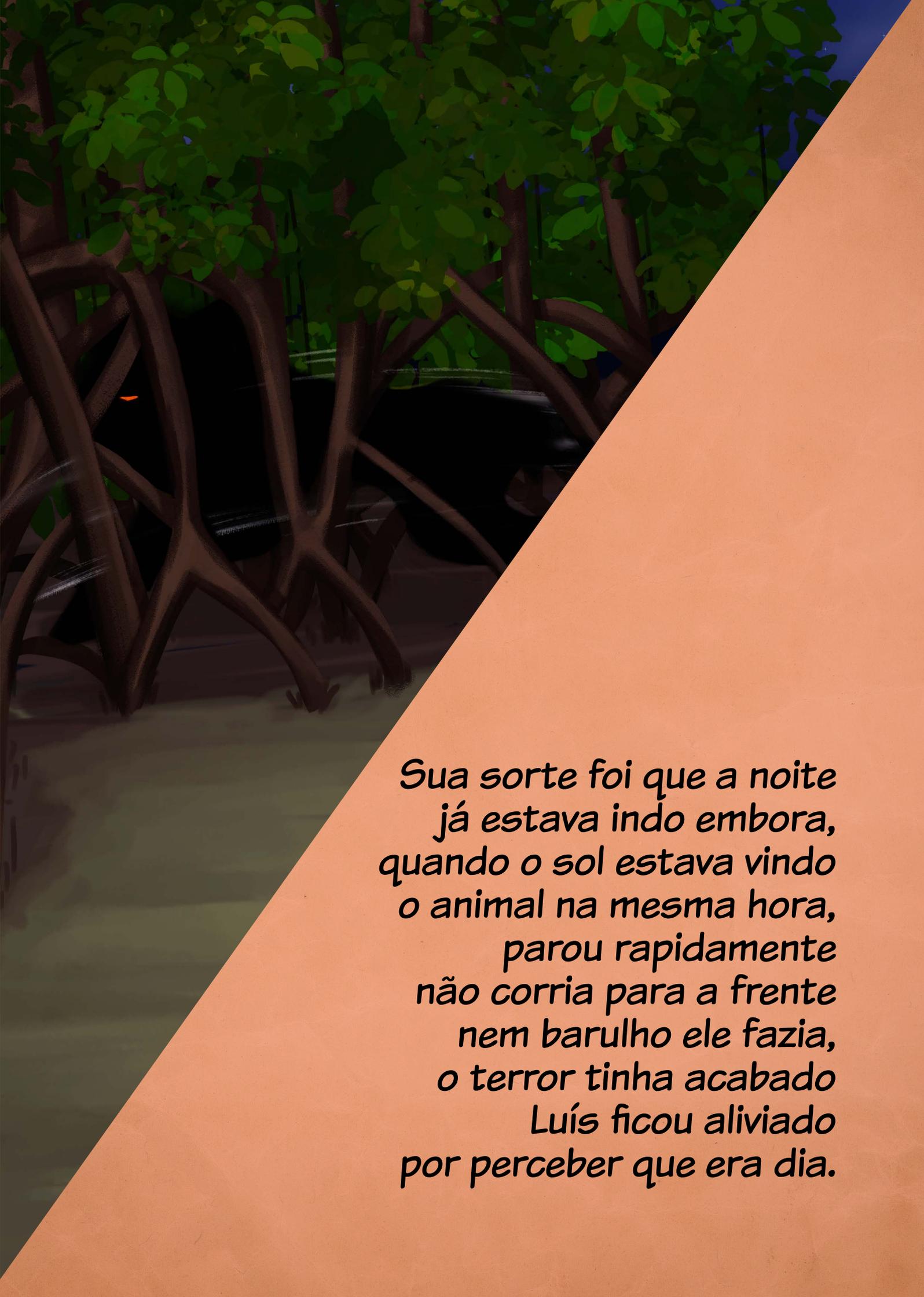
Luís apontou a lanterna  
para onde o barulho vinha,  
os barulhos não pararam  
e na encosta nada tinha,

galhos caíram no rio  
e ele sente um arrepio  
ao ver um vulto passar,  
o medo toma de conta  
toda vez que o bicho apronta  
e corre pelo lugar.

Ao tentar tirar a rede  
para poder fugir de vez,  
se assustou novamente  
com o que o animal fez,  
o bicho saiu mexendo  
nas folhagens e tremendo  
a água do manguezal,  
mesmo estando atordoado  
achou mais apropriado  
não ficar mais no local.

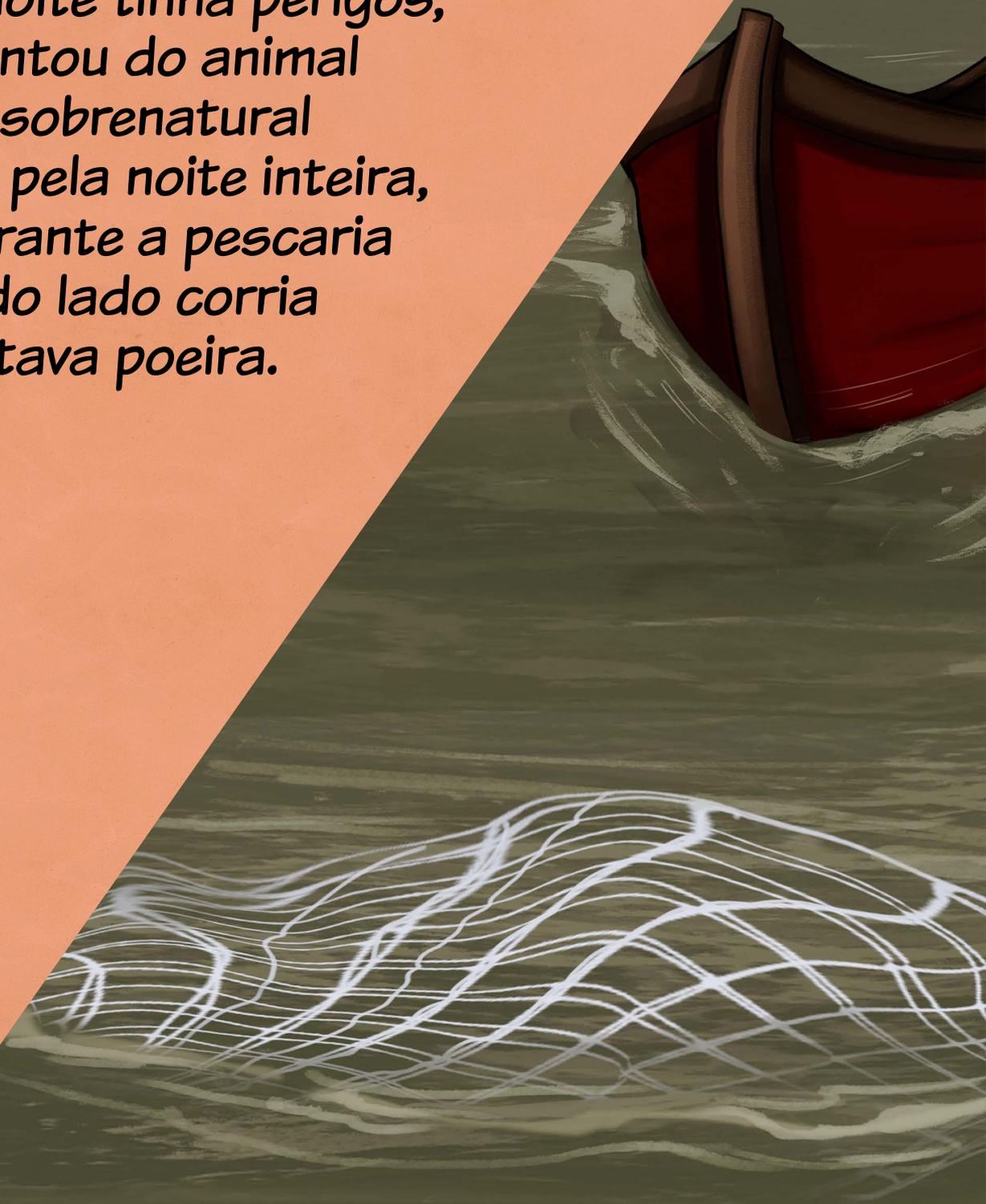
Nessa fuga ele deixou  
sua rede abandonada,  
não possuía mais tempo  
para poder ser tirada,  
enquanto ele fugia  
o animal lhe seguia  
por toda a encosta do rio,  
toda vez que ele olhava  
ainda não acreditava  
e sentia um arrepio.



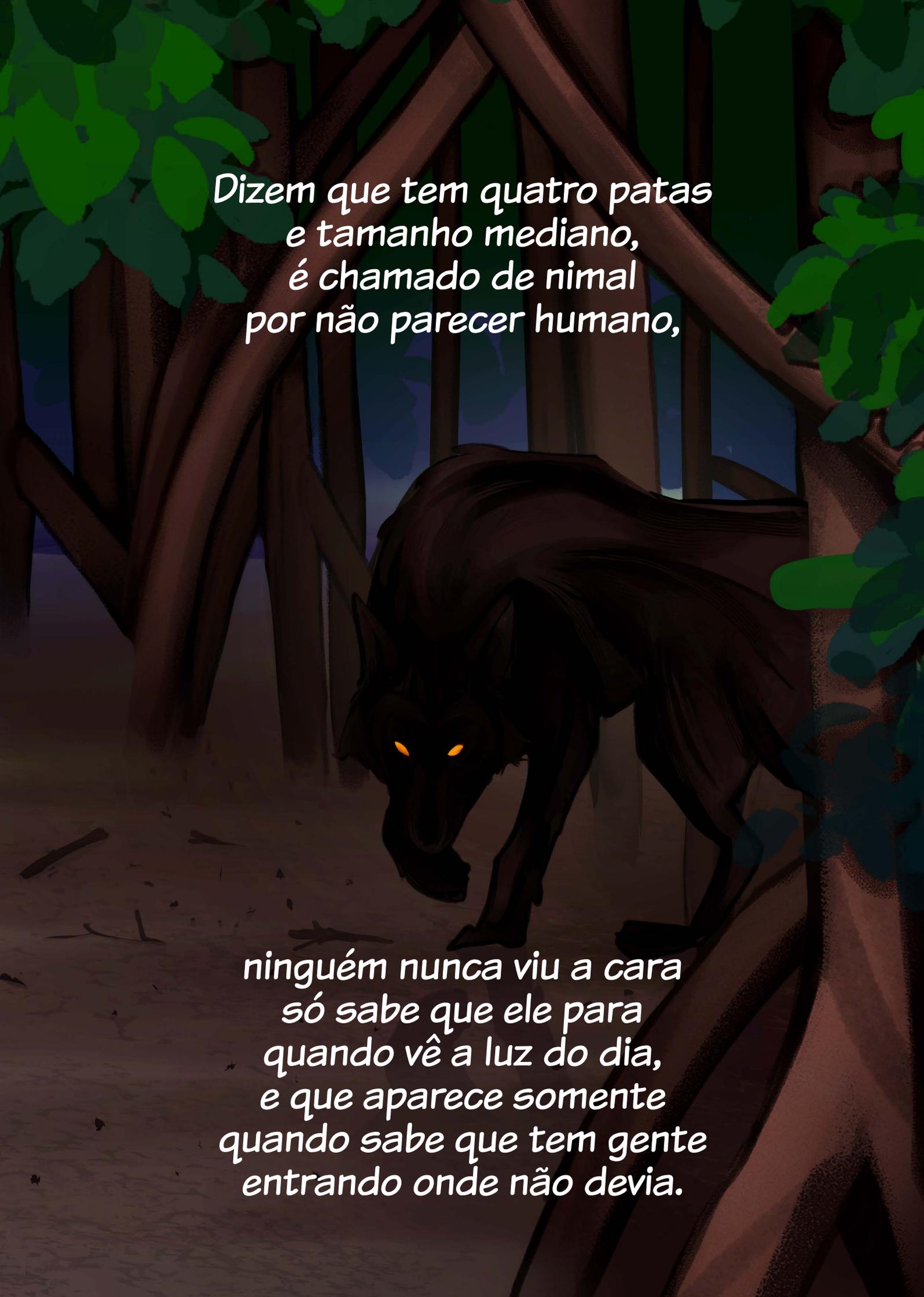


Sua sorte foi que a noite  
já estava indo embora,  
quando o sol estava vindo  
o animal na mesma hora,  
parou rapidamente  
não corria para a frente  
nem barulho ele fazia,  
o terror tinha acabado  
Luís ficou aliviado  
por perceber que era dia.

Ao chegar na sua vila  
avistou os seus amigos,  
os mesmos que falavam  
que a noite tinha perigos,  
Luís contou do animal  
do ser sobrenatural  
que viu pela noite inteira,  
que durante a pescaria  
por todo lado corria  
e levantava poeira.



Depois de todo esse trauma  
que passou com o animal,  
ele mudou o seu horário  
de pescar no manguezal,  
quando a noite vem chegando  
o jovem já vai guardando  
a rede e cada aparato,  
não espera e nem que ver  
o animal aparecer  
novamente lá no mato.

A dark, four-legged creature with glowing yellow eyes is shown in a forest setting. The creature is dark brown or black, with a long, flowing mane or tail. It is standing on a dirt path, looking down. The background consists of several large, brown tree trunks and green foliage. The lighting is dim, suggesting a dark or nighttime environment.

Dizem que tem quatro patas  
e tamanho mediano,  
é chamado de nimal  
por não parecer humano,

ninguém nunca viu a cara  
só sabe que ele para  
quando vê a luz do dia,  
e que aparece somente  
quando sabe que tem gente  
entrando onde não devia.



Lenda 6

# LENDA DO HOMEM

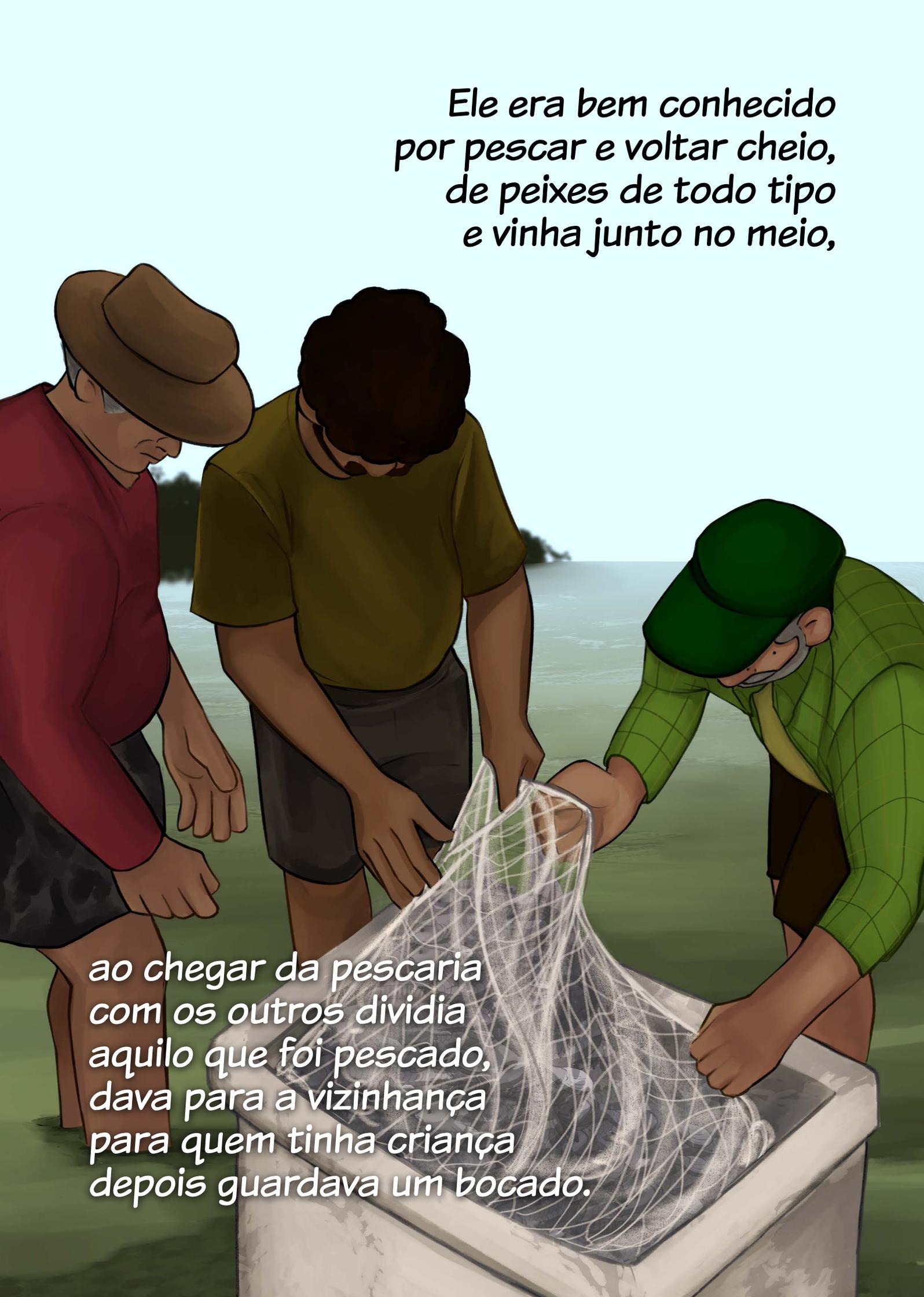


Nossos rios se entrelaçam  
entre toda a nossa flora,  
atravessam nossos mangues,  
percorrem e vão embora,  
em cada volta que tem  
guardam vidas e também  
histórias de um passado,  
contadas por um parente  
ou vistas pessoalmente  
frente a frente, lado a lado.

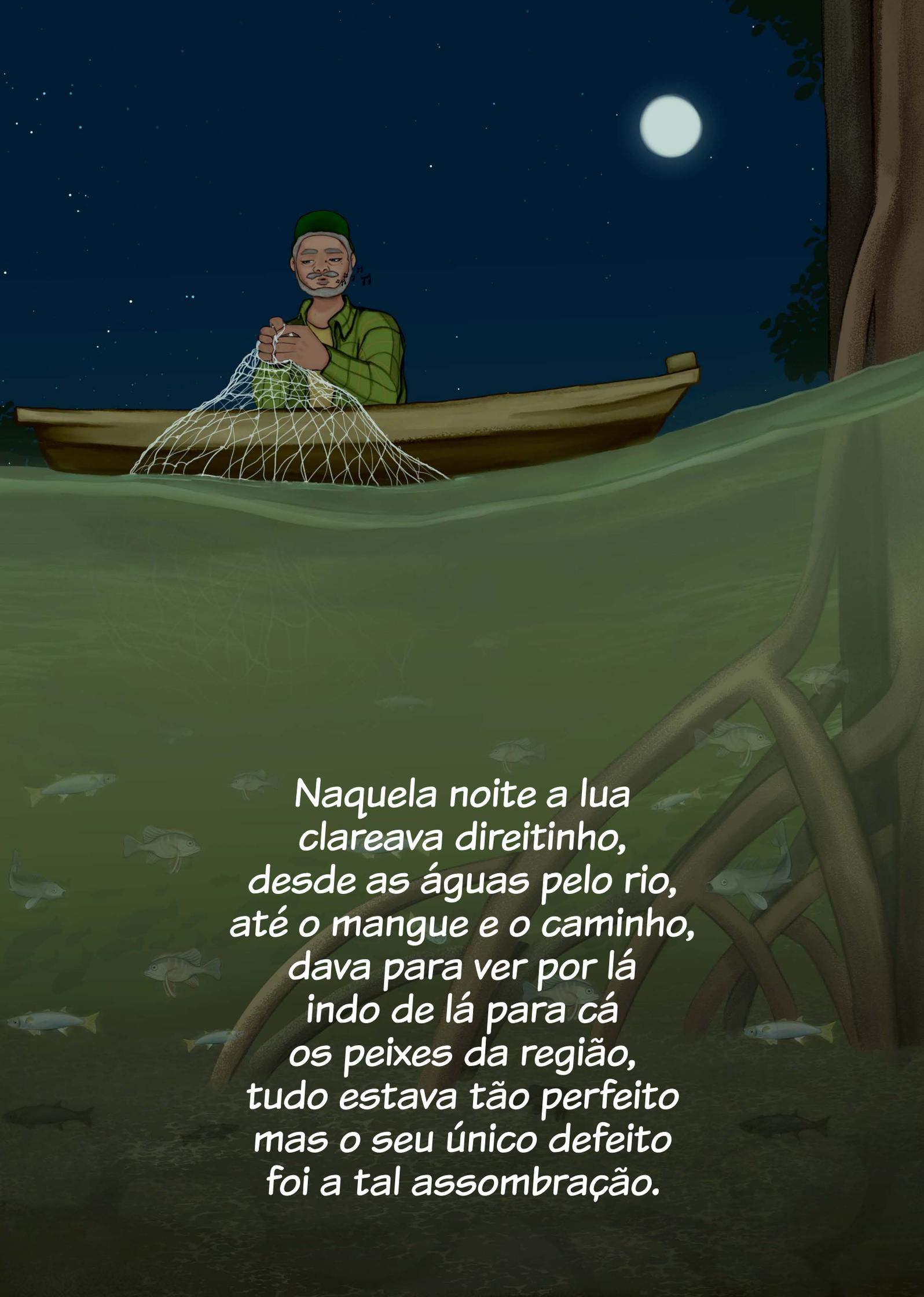
Numa tarde de domingo  
já chegando o fim do dia,  
escutei uma história  
contada por Zé Maria,  
pescador experiente,  
responsável, boa gente  
e também conhecedor,  
de cada conto e história  
que marcam a trajetória  
de vida de um pescador.

O seu Zé já é vivido  
já viu de tudo um pouco,  
uns dizem que é mentira  
outros que ele está louco,  
mas ele conta e reconta  
leva ao local e aponta  
onde tudo aconteceu,  
nessa história contada  
fala da noite assombrada  
de quando quase morreu.

Ele era bem conhecido  
por pescar e voltar cheio,  
de peixes de todo tipo  
e vinha junto no meio,

An illustration showing three men by a body of water. The man on the right, wearing a green cap and a green plaid shirt, is pouring fish from a white net into a white bucket. The other two men, one in a red shirt and brown hat, and the other in a green shirt and dark shorts, are looking on. The background shows a calm body of water under a light sky.

ao chegar da pescaria  
com os outros dividia  
aquilo que foi pescado,  
dava para a vizinhança  
para quem tinha criança  
depois guardava um bocado.



Naquela noite a lua  
clareava direitinho,  
desde as águas pelo rio,  
até o mangue e o caminho,  
dava para ver por lá  
indo de lá para cá  
os peixes da região,  
tudo estava tão perfeito  
mas o seu único defeito  
foi a tal assombração.

*A rede vinha com peixes  
de toda cor e tamanho,  
cada peixe que chegava  
representava mais ganho,  
a pesca estava rendendo  
até seu Zé ver mexendo  
as águas pelo local,  
mexiam intensamente  
de maneira diferente  
não parecia normal.*



Ele para um pouco a pesca  
para entender o motivo,  
das águas mexerem tanto  
se era vento ou um ser vivo,  
que havia mergulhado  
ou se só tinha soprado  
um vento forte e mais frio,  
mas logo ficou aflito  
quando ouviu um forte grito  
vindo do fundo do rio.

Seu Zé Maria se arrepiou  
logo ficou assustado,  
procurou por todo canto  
quem gritou bem do seu lado,  
por perceber que foi perto  
ele resolve que o certo  
é dar no pé e ir embora,  
mas algo segura a proa  
puxa por baixo a canoa  
e afunda na mesma hora.

Quando a canoa é puxada  
durante a pescaria,  
tudo cai dentro da água  
junto com seu Zé Maria,



enquanto desce lentamente  
ele avista lá na frente  
naquele mesmo segundo,  
algo que não era humano  
era um homem mediano  
que vinha de lá do fundo.

Ao ver que a tal criatura  
era sobrenatural,  
seu Zé nada bem ligeiro  
para fugir do local,  
o tal homem vem nadando  
por pouco não ia pegando  
o pescador ao sair,  
quando escapou lá do rio  
todo molhado com frio  
ele só pensou em fugir.



Saiu correndo no mangue atordoado e sozinho, queria chegar em casa e procurava um caminho, quanto mais ele corria mais medo ele sentia por temer a criatura, estava desesperado não sabia qual o lado ou a estrada mais segura.

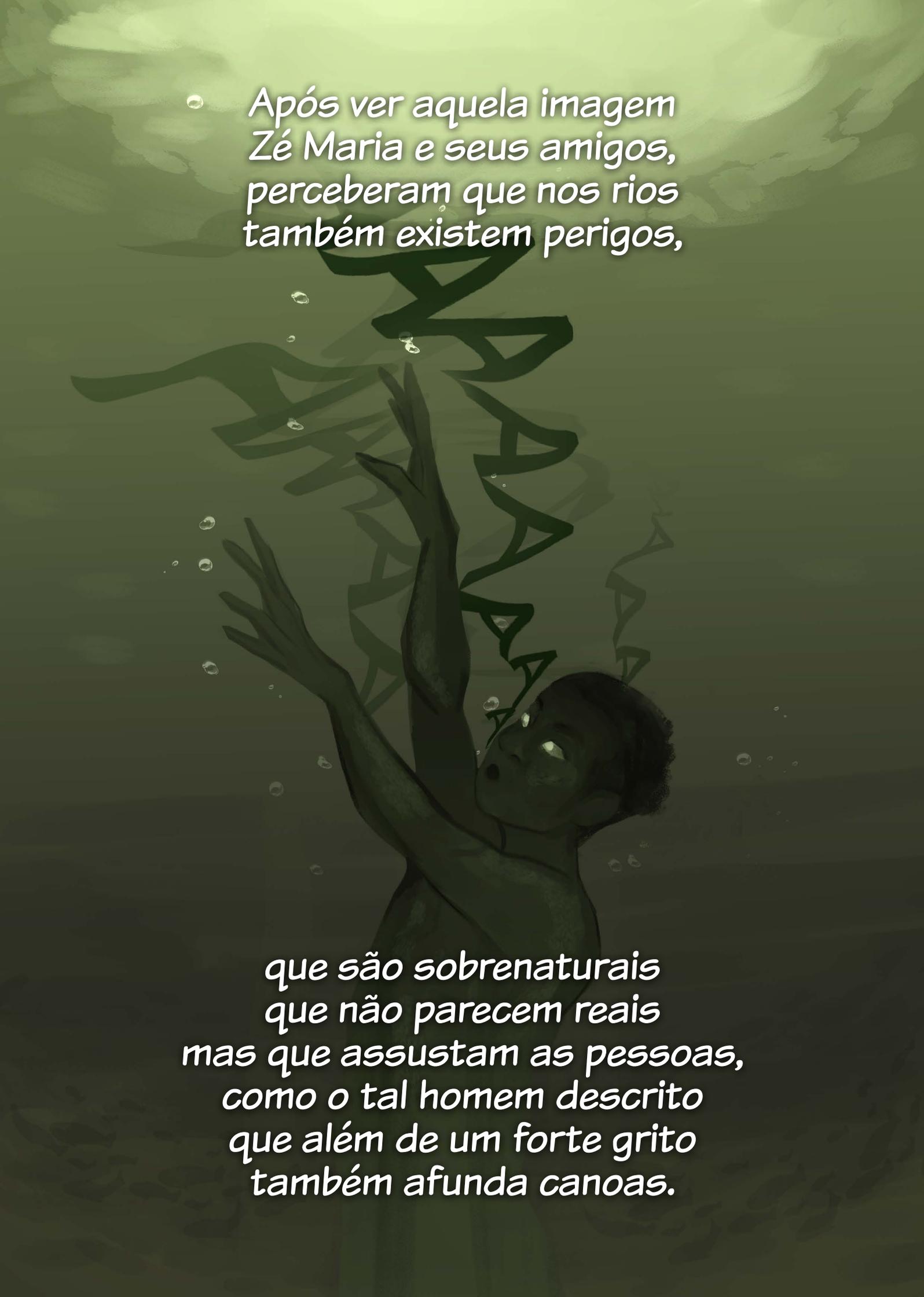
Ao chegar na sua vila  
depois de correr bastante,  
as pessoas logo viram  
o assustador semblante,  
um olhar traumatizado  
o corpo todo marcado  
dos galhos lá do local,  
de medo ainda tremia  
mas chorava de alegria  
por fugir do manguezal.



Quando ficou mais calmo  
seu Zé contou a história,  
que se ele estava vivo  
era motivo de glória,  
falou que uma pessoa,  
um homem pegou a canoa  
e lhe puxou para o fundo,  
tinha uma força gigante  
e um grito horripilante  
que não era desse mundo.

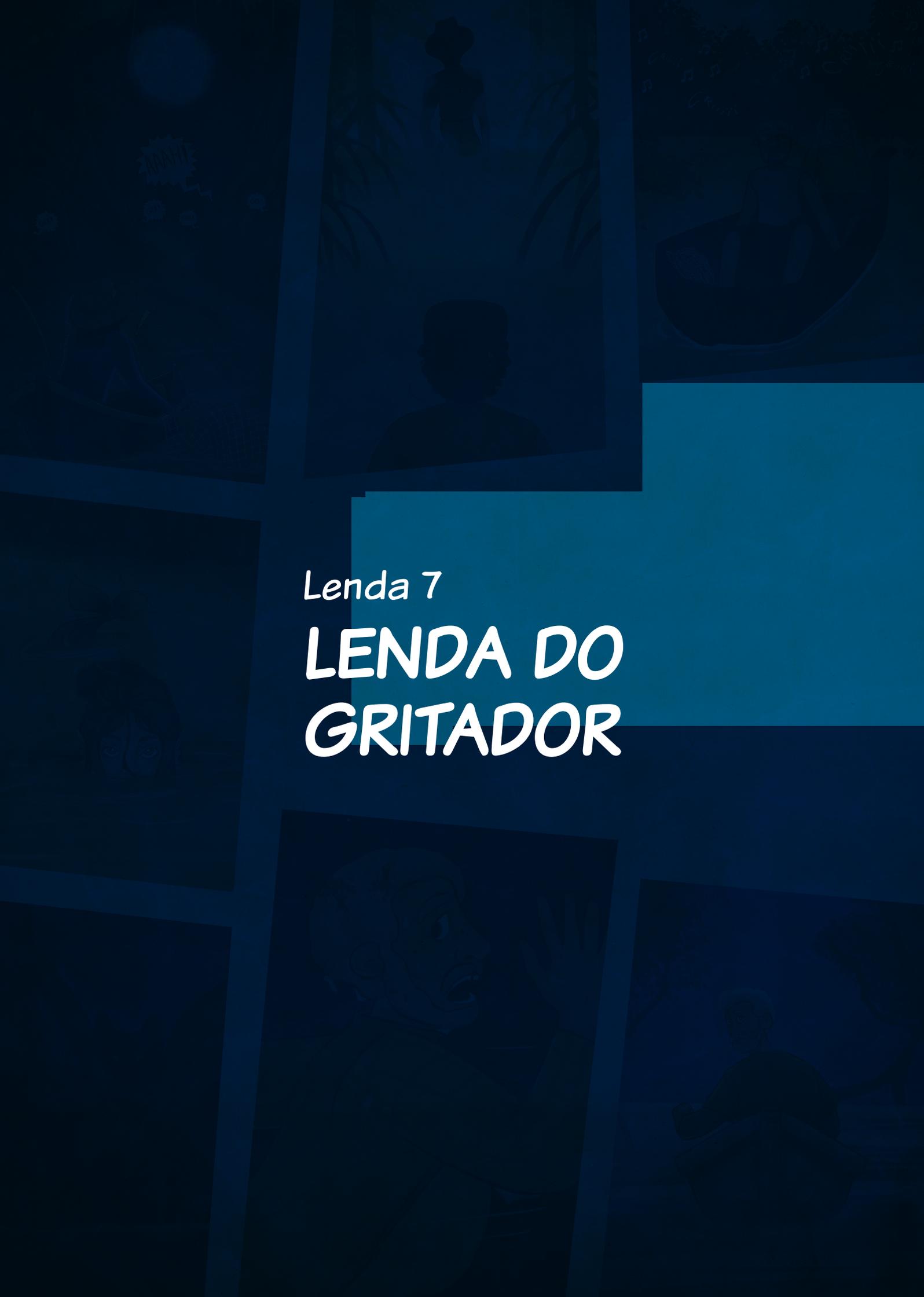
Dias depois seu Zé Maria  
foi no local novamente,  
levou outros pescadores  
e viram bem lá na frente,  
a rede por ele usada  
vazia e toda rasgada  
na margem do igarapé,  
também foram encontrados  
vários pedaços quebrados  
da canoa do seu Zé.



An illustration with a dark green, monochromatic color scheme. In the foreground, a man is shown from the chest up, submerged in water. He has a surprised or fearful expression, with wide eyes and an open mouth. His arms are raised, and his hands are spread out. Above him, a large, dark shadow of a man with his arms raised is cast onto the water's surface, creating a sense of depth and menace. The water is filled with small, light-colored bubbles. The overall atmosphere is mysterious and ominous.

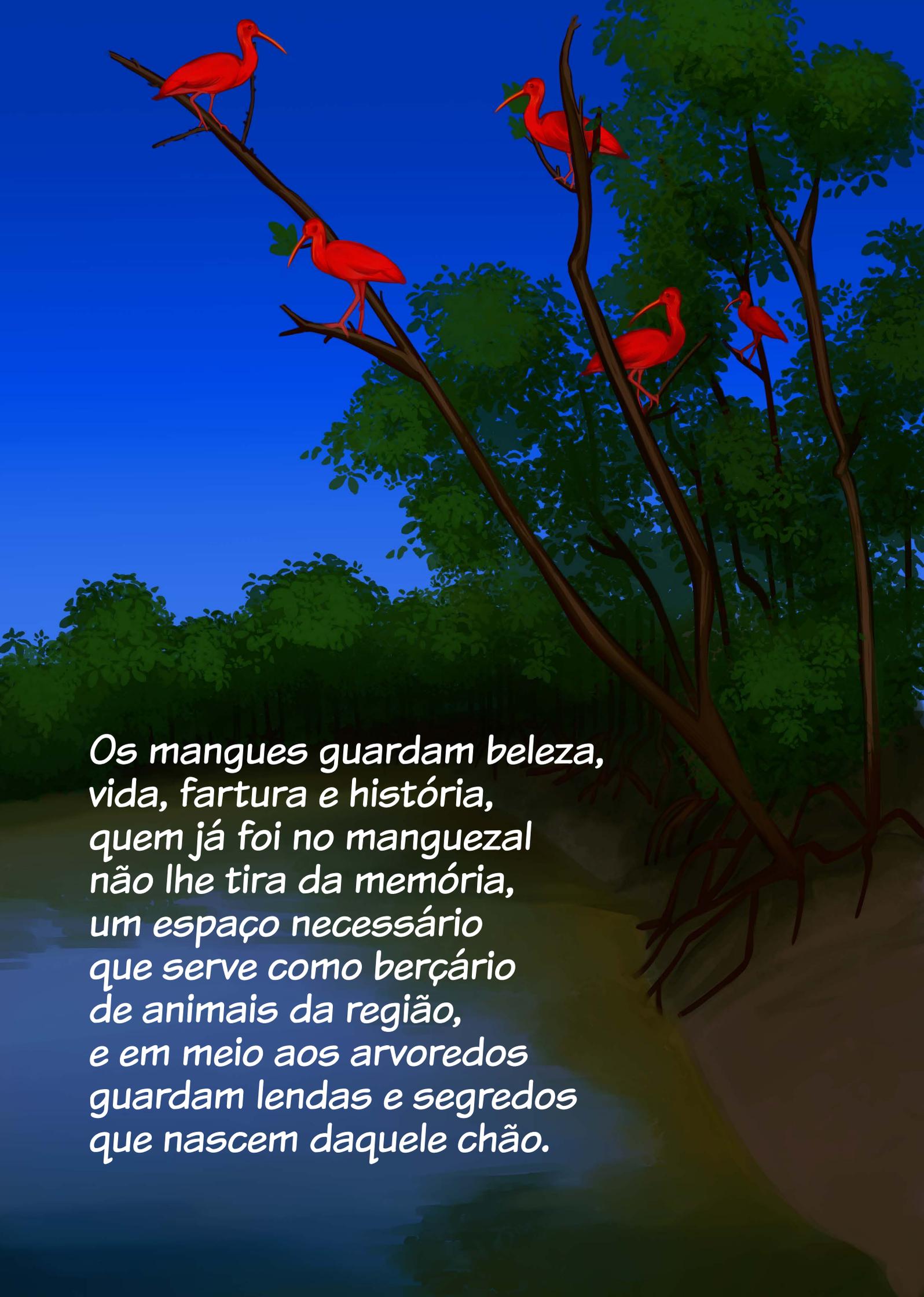
Após ver aquela imagem  
Zé Maria e seus amigos,  
perceberam que nos rios  
também existem perigos,

que são sobrenaturais  
que não parecem reais  
mas que assustam as pessoas,  
como o tal homem descrito  
que além de um forte grito  
também afunda canoas.



Lenda 7

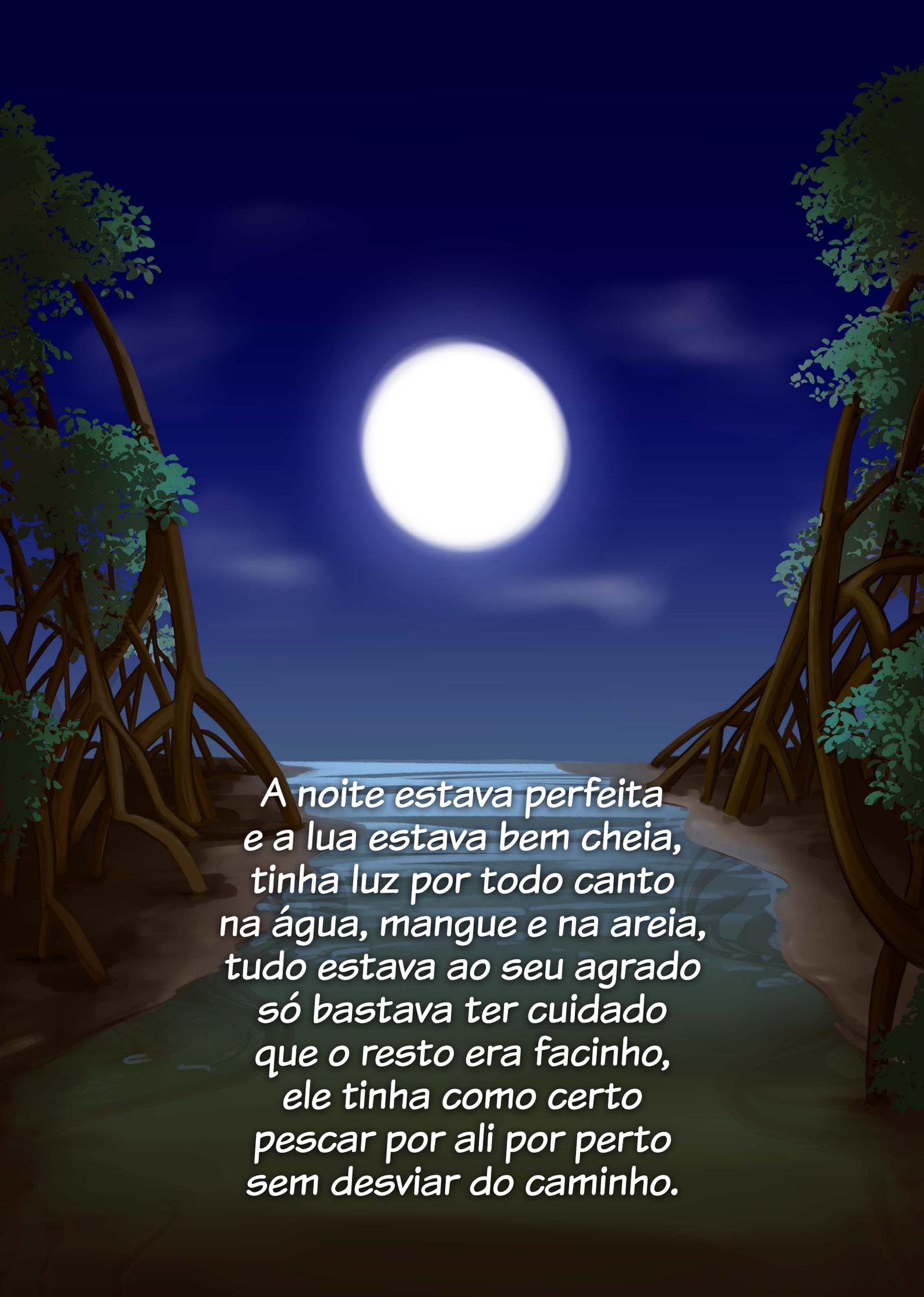
# LENDA DO GRITADOR



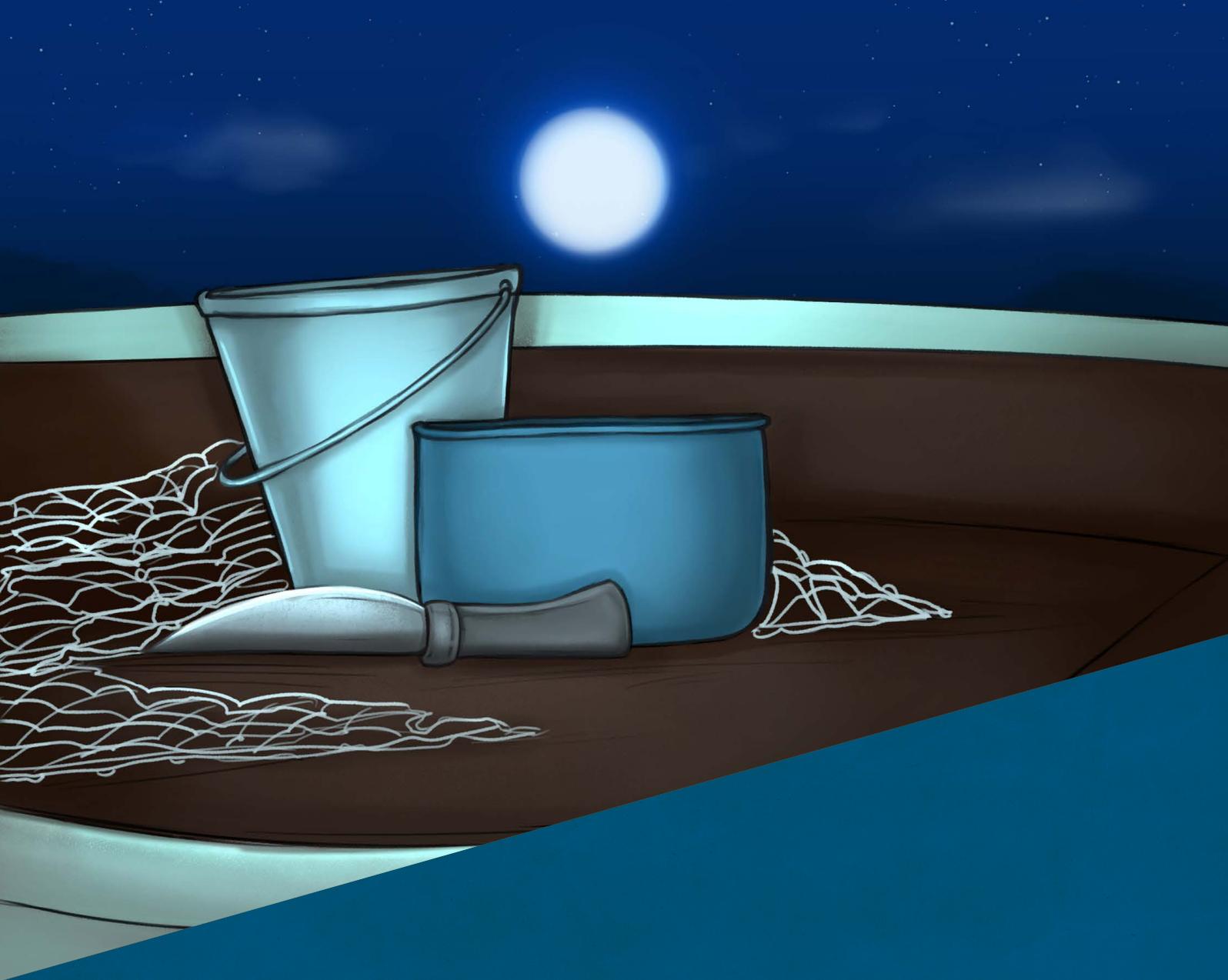
Os mangues guardam beleza,  
vida, fartura e história,  
quem já foi no manguezal  
não lhe tira da memória,  
um espaço necessário  
que serve como berçário  
de animais da região,  
e em meio aos arvoredos  
guardam lendas e segredos  
que nascem daquele chão.

*Não tem um só pescador  
que pesque lá pelo rio,  
que já não tenha avistado  
ou sentido um calafrio,  
com alguma assombração  
que existe na região  
no meio do manguezal,  
que vive por lá vagando,  
no vento que vem soprando  
ou nas águas do local.*

A história a ser contada  
quem me contou foi seu Bento,  
quando viveu uma peleja  
durante um certo momento,  
ele detalhou direitinho  
cada parte do caminho  
que lhe levou ao lugar,  
onde fez a pescaria,  
até a noite estranha e fria  
da lenda que vou contar.

A night scene in a mangrove forest. A large, bright full moon hangs in a dark blue sky, casting a soft glow over the water and the intricate, brown roots of the mangrove trees. The water is dark and reflects the moonlight. The trees are silhouetted against the moon, with some green leaves visible. The overall atmosphere is serene and quiet.

*A noite estava perfeita  
e a lua estava bem cheia,  
tinha luz por todo canto  
na água, mangue e na areia,  
tudo estava ao seu agrado  
só bastava ter cuidado  
que o resto era facinho,  
ele tinha como certo  
pescar por ali por perto  
sem desviar do caminho.*



No barco ele levava um facão e uma bacia, para guardar todo o peixe pescado na pescaria, como Bento é artesão a rede foi feita à mão com traços artesanais, mantendo viva a história, arte, cultura e memória das raízes dos seus pais.

Ele saiu pelo rio  
na procura de um lugar,  
que fosse perto, seguro  
e melhor para pescar,  
o que ele mais queria  
era uma pescaria  
rápida e com fartura,  
mas não achou facilmente  
resolveu ir mais a frente  
continuar a procura.





AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

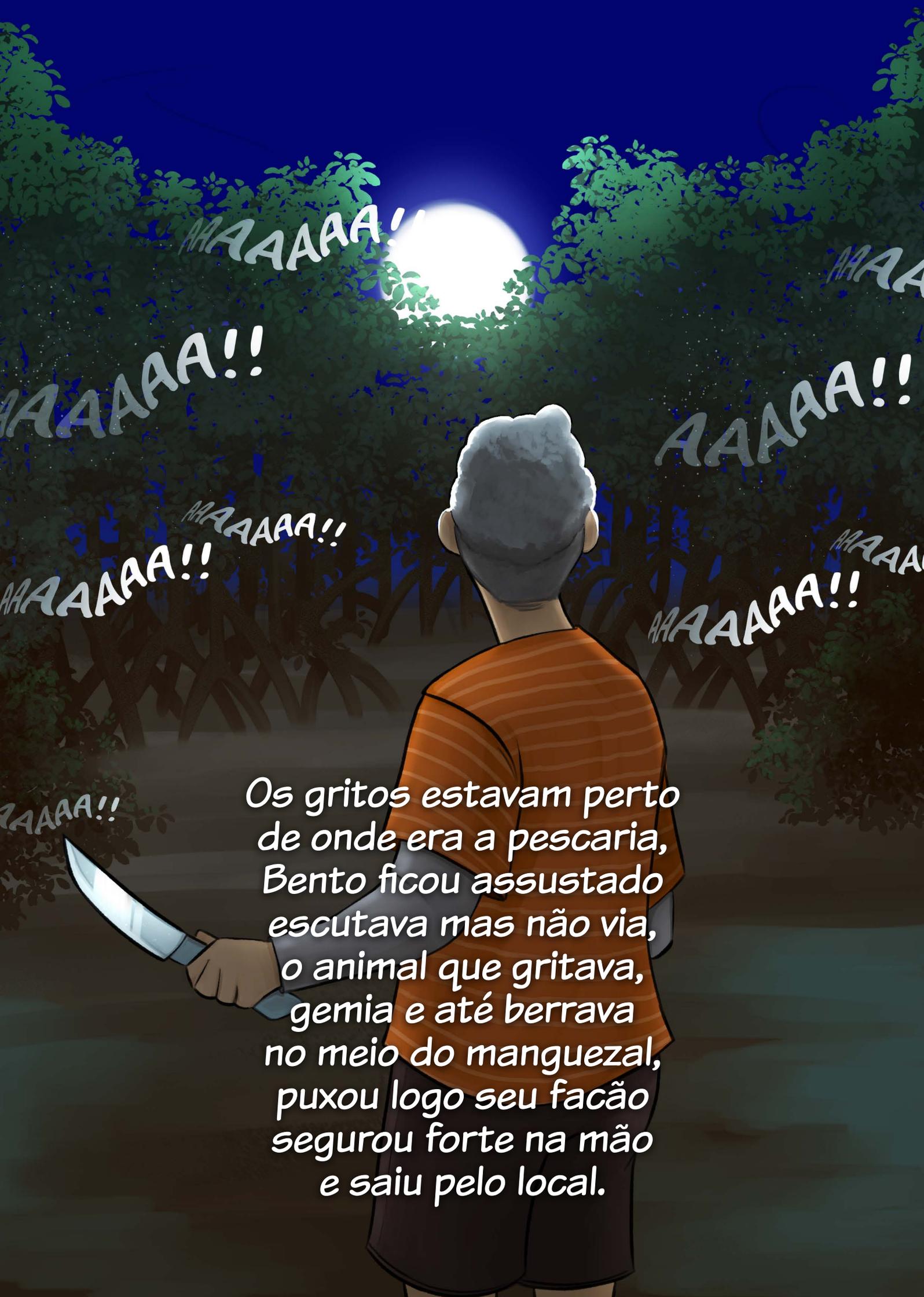
AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

Foi subindo mais e mais  
até chegar ao destino,  
um lugar já conhecido  
por ele desde menino,  
não era tão perto da vila  
mas a noite era tranquila  
diferente de outro dia,  
não tinha perigo algum  
no máximo só tinha um  
voltar de rede vazia.

Começou os seus trabalhos  
jogando a rede no rio,  
volta e meia ele sentia  
um vento gelado e frio,  
até achou que era normal  
até ouvir no local  
um grito forte e estridente,  
eram berros de animais  
vindo de vários locais  
dos lados e pela frente.



Os gritos estavam perto de onde era a pescaria, Bento ficou assustado escutava mas não via, o animal que gritava, gemia e até berrava no meio do manguezal, puxou logo seu facão segurou forte na mão e saiu pelo local.

*Deixou o barco amarrado  
preso num banco de areia,  
levou seu facão na mão  
foi na luz da lua cheia,  
o pescador foi andando  
com atenção procurando  
o fazedor da gritaria,  
mas quanto mais ele andava  
mais gritos se escutava  
e animal nenhum se via.*

A noite ficou estranha  
seu Bento ficou com medo,  
resolveu voltar de lá  
enquanto ainda era cedo,  
quando estava voltando  
os gritos vinham chegando  
em direção ao local,  
o barulho era gigante  
e só assim nesse instante  
viu que não era animal.

Sons de berros e de gritos  
rodeavam o seu Bento,  
não tinha nenhuma imagem  
só berros lá no momento,  
ele saiu na correria  
no meio da gritaria  
que doía seus ouvidos,  
e lembrou rapidamente  
de uma lenda existente  
contada por conhecidos.



Chegou no barco e saiu  
com medo e em disparada,  
só queria sair de lá  
somente isso e mais nada,



os gritos lhe acompanhavam  
e pelo mangue ecoavam  
de um jeito que ninguém via,  
e só pararam na hora  
que seu Bento foi embora  
dando fim à pescaria.

Ao chegar do manguezal  
contou para toda a vila,  
o terror que ele viveu  
naquela noite tranquila,  
gritos e berros que ouviu  
e do medo que sentiu  
dentro do mangue sozinho,  
após ser atormentado  
depois de ter encontrado  
o gritador no caminho.

*Depois da falta de sorte  
e do encontro indesejado,  
seu Bento e os pescadores  
aumentaram o cuidado,  
se escutam na pescaria  
barulho de gritaria  
eles saem do local,  
se tem gritos já é certo  
o gritador está perto  
espantando quem faz mal.*



AAAAAAAAAAAA!!

## **SOBRE OS AUTORES**



### **Irlaine Rodrigues Vieira**

Bióloga, artista, licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará (2010), mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (2013) e doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Piauí (2016). Atua profissionalmente com Bióloga na Universidade Federal Delta do Parnaíba e Docente de curso de Especialização na mesma Universidade. Tem experiência em etnografia, Botânica e ecologia.

E-mail: irlainervieira@gmail.com



### **Francisco Eudes de Sousa**

Poeta, cordelista e ativista popular, é Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Idealizador da série de folhetos de cordel “Turma do Chico Poeta” e da “Iniciativa Entre Versos”, que busca fortalecer a identidade cultural nordestina e promover o empoderamento comunitário por meio da arte, educação e cultura. Desenvolve pesquisas nas áreas de educação popular, cultura popular, alfabetização e letramento. É coautor do e-book “Anatomia Vegetal em Cordel - Volume I: Células e Tecidos Vegetais”.

E-mail: ffeudessousaa@gmail.com



### **Aline Martins Silva**

Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba. Tem experiência na área de Biologia Geral, com ênfase em Biologia Geral.

E-mail: alinelaila2014@gmail.com



### **Manoel Bruno Alves Sales**

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (2020) e especialização em Ciências da Natureza, Suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pelo Centro de Educação Aberta e à Distância/UFPI (2022). Atualmente, é Professor de Ciências da Secretaria Municipal de Educação do município de Batalha, Piauí.

E-mail: [alvesb446@gmail.com](mailto:alvesb446@gmail.com)



### **Jesus Rodrigues Lemos**

Professor do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAR (anterior UFPI/ Campus Ministro Reis Velloso). Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí, Mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado no *Royal Botanic Gardens/Kew*, Londres. Desenvolve pesquisas com as linhas Florística, Fitossociologia, Fitogeografia e Etnobotânica da vegetação do semiárido brasileiro e Ensino de Botânica.

E-mail: [jrlemos@ufdpar.edu.br](mailto:jrlemos@ufdpar.edu.br)

# LENDAS DOS MANGUEZAIS

NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI

Em "Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba - Piauí", encontramos não apenas narrativas de assombros e encantos, mas a alma viva de uma terra repleta de mistérios e tradições. Cada história, narrada com o vigor e a sabedoria de seus contadores/as e sistematizadas na poesia de cordel, nos revela o elo profundo entre o ser humano e o manguezal, entre o mito e a realidade, entre o visível e o invisível. Através dessas narrativas, ressoam os ecos de um passado imortalizado em versos, onde o assombro e a magia se entrelaçam com o cotidiano dos pescadores, pescadoras, marisqueiras e das criaturas que habitam essas águas.

Que ao final da leitura possamos sentir a presença do vento que sussurra lendas, das águas que guardam segredos e das vozes dos ancestrais que continuam a nos guiar, pois é na tradição oral que preservamos não só o que foi, mas também o que somos eternamente enredados nas histórias que contamos e ouvimos.